



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**  
**MESTRADO**

**LUIZ HENRIQUE GREGÓRIO DE LIMA**

**O TERÇO DOS HOMENS MÃE RAINHA (THMR) E A EXPERIÊNCIA  
PASTORAL NA BASE DA IGREJA**

**RECIFE  
2022**

LUIZ HENRIQUE GREGÓRIO DE LIMA

**O TERÇO DOS HOMENS MÃE RAINHA (THMR) E A EXPERIÊNCIA  
PASTORAL NA BASE DA IGREJA**

Dissertação apresentada para apreciação de Banca, como requisito acadêmico do Mestrado no Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Linha de pesquisa: Teologias e Temas de Fronteiras

Orientador (a): Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

RECIFE  
2022

L732t

Lima, Luiz Henrique Gregório de  
O Terço dos Homens Mãe Rainha (THMR) e a  
experiência pastoral na base da Igreja / Luiz Henrique  
Gregório de Lima, 2022.  
85 f.

Orientador: Gilbraz de Souza Aragão  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia.  
Mestrado em Teologia, 2022.

1. Rosário. 2. Maria, Virgem, Santa – Orações e devoções.  
3. Evangelização. I. Título.

CDU 248.158

Luciana Vidal - CRB 4/1338

LUIZ HENRIQUE GREGÓRIO DE LIMA

**O TERÇO DOS HOMENS MÃE RAINHA (THMR) E A EXPERIÊNCIA  
PASTORAL NA BASE DA IGREJA**

Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre em teologia.

Aprovada em 24 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)  
Orientador



---

Prof. Dr. Sérgio Douets Vasconcelos

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)  
Leitor interno



---

Prof. Dra. Profª Alzirinha Rocha de Souza  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)  
Leitor(a) externo(a)

## Dedicatória

Dedico esta pesquisa a minha esposa, Ivone Lima, por todo apoio, paciência e incentivo recebidos.

Aos meus filhos, Luiz Fernando e Luiz Filipe, pela torcida para a conclusão desse trabalho, para que tivéssemos mais tempo livre em família.

A meu pai, *in memoriam*, que sempre me deu testemunho de fé e devoção a Nossa Senhora.

A minha mãe e irmãos, pelo incentivo dispensado.

Aos demais familiares e amigos, que sempre torceram por mim.

## Agradecimentos

Agradeço a Deus Pai, Filho e Espírito Santo pelo dom da vida e pela oportunidade de conservá-la no caminho que leva à salvação.

A nossa Mãe Maria Santíssima, pelo seu amparo e modelo no seguimento do seu divino Filho.

A minha família, que sempre me apoiou nessa jornada.

Ao Srs. Carlos Alves e José Luiz Pimentel, do THMR, pelos subsídios fornecidos para a pesquisa.

Aos padres de Schoenstatt, Pe. José Fernando Bonini e Pe. Pedro Cabello, pelos materiais fornecidos.

À Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alzirinha Rocha, que me incentivou e inicialmente me conduziu neste caminho acadêmico.

Ao Prof.<sup>o</sup> Dr. Gilbraz Gilbraz de Souza Aragão, pela disponibilidade de me acolher na orientação deste trabalho, bem como toda a sua paciência e sabedoria.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Prof. Sérgio Douets, pela disponibilidade e ajuda.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita Gomes pela sua virtuosa paciência e compreensão.

À UNICAP, por proporcionar esse campo de pesquisa no meio acadêmico.

***Nos cum prole pia! Benedicat Virgo Maria!  
Com seu divino Filho, abençoa-nos Virgem Maria!***

## RESUMO

A contemporaneidade nos desafia a empreender novas formas de propor a fé, por meio da evangelização e missão. Surgem diversas perspectivas convidativas, como o Terço dos Homens, que se utiliza de uma expressão popular tão antiga e eminentemente feminina para aproximar o masculino da base da Igreja. Essa proposta se apresentou de forma tão arrebatadora e mobilizadora que motivou a Igreja católica brasileira a designar um Bispo para acompanhar de perto essa crescente expressão de fé. Mesmo com todos seus atributos, é oportuno um olhar pastoral atento, com a finalidade de melhor aproveitamento desta expressão, bem como evitar possíveis desvios, estreitismo e/ou fechamento, frutos por vezes das influências do contexto cultural que foi criado, evitando ainda que se torne anacrônico e ambíguo. É oportuno nos desprover da ingenuidade e buscarmos tratar com bom senso essa manifestação de fé, para seu melhor aproveitamento pastoral no seio da Igreja, compreendendo que existem várias iniciativas de grupos de Terços dos Homens no Brasil. Este trabalho trata especificamente do Terço dos Homens Mãe Rainha (THMR), vinculado à representação popular do Movimento Apostólico de Schoenstatt. A partir de pesquisa bibliográfica relacionada ao tema, foi construído um percurso metodológico que se divide em momentos: num primeiro que se procura fazer um resgate histórico da devoção à Maria e ao Rosário, bem como da origem do THMR; num segundo que apresenta uma análise teológica da devoção mariana traduzida na devoção ao Rosário, na perspectiva da nova evangelização, a partir da piedade popular e um terceiro que adentra nos desafios da pastoral urbana e busca desenhar, de maneira propositiva, possíveis caminhos para um melhor aproveitamento desta expressão na comunidade.

**Palavras-chave:** Mãe Rainha. Nova Evangelização. Piedade popular. Terço dos Homens. Rosário.



## ABSTRACT

Contemporary times challenge us to undertake new ways of proposing the faith, through evangelization and mission. Several inviting perspectives emerge, such as the Rosary of Men, which uses a popular expression that is so old and eminently feminine to bring the masculine closer to the base of the Church. This proposal was presented in such a compelling and mobilizing way that it motivated the Brazilian Catholic Church to designate a Bishop to closely monitor this growing expression of faith. Even with all its attributes, an attentive pastoral look is opportune, with the aim of making better use of this expression, as well as avoiding possible deviations, narrowness and/or closure, sometimes resulting from the influences of the cultural context that was created, still avoiding make it anachronistic and ambiguous. It is opportune to rid ourselves of naivety and seek to treat this manifestation of faith with common sense, for its better pastoral use within the Church, understanding that there are several initiatives of groups of Men's Rosaries in Brazil. This work deals specifically with the Rosary of Men Mother Queen (THMR), linked to the popular representation of the Apostolic Movement of Schoenstatt. Based on bibliographical research related to the theme, a methodological course was built that is divided into moments: the first one seeks to make a historical rescue of the devotion to Mary and the Rosary, as well as the origin of the THMR; in a second that presents a theological analysis of the Marian devotion translated in devotion to the Rosary, in the perspective of the new evangelization, from the popular piety and a third that enters in the challenges of the urban pastoral and seeks to design, in a propositional way, possible paths for a better use of this expression in the community.

**Keywords:** Queen mother. New Evangelization. Popular piety. Third of Men. Rosary.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	HISTÓRICO E CONSTITUIÇÃO DO THMR.....	12
2.1	DEVOÇÃO - MARIANA E AO ROSÁRIO .....	12
2.2	MARIA E O MOVIMENTO DE SCHOENSTATT .....	20
2.2.1	A ORIGEM DO MOVIMENTO DE SCHOENSTATT E A MARIOLOGIA DO PE. KENTENICH.....	22
2.2.2	ESTRUTURA DO MOVIMENTO DE SCHOENSTATT.....	27
2.3	HOMENS REZANDO O TERÇO – ORIGEM DO THMR .....	29
3.	A DEVOÇÃO MARIANA E A NOVA EVANGELIZAÇÃO .....	36
3.1	A NOVA EVANGELIZAÇÃO.....	36
3.2	PIEIDADE POPULAR.....	43
3.3	ASPECTOS TEOLÓGICOS DO TERÇO .....	47
3.3.1	ROTEIRO DO ROSÁRIO NO THMR.....	54
4.	PERSPECTIVA TEOLÓGICO-PASTORAL DO THMR.....	59
4.1	DIMENSÃO TEOLÓGICO-PASTORAL DO ROSÁRIO .....	59
4.2	ASPECTOS PASTORAIS DO THMR .....	66
4.3	TERÇO DOS HOMENS NO ENFRENTAMENTO AOS DESAFIOS DA PASTORAL URBANA .....	69
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	79
	REFERÊNCIAS .....	82

## 1. INTRODUÇÃO

Um importante fenômeno que se tem verificado no Brasil é o crescente número de grupos formados exclusivamente por homens, para a recitação do terço. Apesar do fato de homens se reunirem para realizar essa prática antiga, que remonta desde os tempos coloniais, é nas duas últimas décadas que se observa uma verdadeira disseminação desses grupos sendo inclusive, devido sua relevância, um bispo da CNBB nomeado para cuidar dessa manifestação de evangelização e missão.

Sendo o terço uma parte incluída no Rosário e esse contemplando todos os mistérios da vida de Jesus Cristo, sua escolha precisa ser estritamente guiada mediante as intenções apontadas pelo contexto dos fiéis. Nesse trabalho, os termos serão utilizados como sinônimos, baseado nas práticas e costumes ou na denominada piedade popular, que entende as expressões como equivalentes, respeitando assim a compreensão mais próxima da nossa realidade.

Este trabalho consiste numa pesquisa bibliográfica que, segundo Pizzani et al (2012, p. 540), entende-se pela revisão de literatura norteada pelas produções que norteiam um trabalho científico, baseada em revisão e análise da literatura relacionada com o tema, em forma de livros, revistas, publicações avulsas, imprensa, escrita e eletrônica.

A pesquisa tratará especificamente do Terço dos Homens Mãe Rainha (THMR), que se originou no Santuário de Schoenstatt em Olinda, inspirado a partir de uma experiência pastoral na paróquia da Região Metropolitana do Recife e que tem gerado abundantes frutos de conversão e de santificação dos homens participantes e integrados à Igreja.

Essa representação crescente do terço dos homens não é a única, soma-se a inúmeros grupos de terços dos homens que despontam na dinâmica do universo da Igreja. O THMR é tomado como objeto da pesquisa por ser um dos mais representativos e impulsionados nos santuários marianos de Schoenstatt, sendo inclusive considerado como representação popular desse Movimento Apostólico, juntamente com a Campanha da Mãe Peregrina.

Numa perspectiva pastoral, buscarei compreender a difusão do culto devocional mariano presente na experiência do THMR. Entender como tem promovido o aumento da participação masculina na base da Igreja, e compreender como notadamente, a partir de uma devoção tida como eminentemente feminina, os homens têm assumido um importante papel na prática diária de promoção e inclusão na vida

devocional. Analisar, por meio das fontes referenciadas, o resultado iminente dessa pesquisa.

O trabalho está dividido em três partes, no qual o primeiro capítulo está subdividido em três temas. Inicialmente apresenta um resgate histórico da devoção à Maria e ao Rosário, a partir de sua relevância inclusive na tradição e magistério da Igreja, dado o grande número de documentos pontifícios relacionados ao tema.

Em seguida, apresenta a presença de Maria no Movimento de Schoenstatt - que, ao contrário de outras devoções, não é oriunda de uma aparição – por meio de uma síntese da origem do Movimento e da mariologia do seu fundador. Por fim, descreve a origem do THMR propriamente dito, inspirado a partir de uma experiência pastoral.

O segundo capítulo tem como objetivo apresentar uma análise teológica da devoção mariana como elemento chave na perspectiva da nova evangelização, a partir da piedade popular, traduzida na devoção ao Rosário. Também subdividido em três temas, aborda a piedade popular, a nova evangelização e o aspecto teológico da devoção ao Rosário, como resultante da sobreposição desses dois conceitos. Apresenta, a título de ilustração prática, o roteiro do Rosário como é rezado nos grupos do THMR.

Finalmente, o terceiro capítulo traz uma análise da dimensão teológico-pastoral do TH, se debruçando sobre os aspectos relevantes dessa devoção na vida do povo de Deus, na perspectiva dos desafios da pastoral urbana diante de um mundo secularizado e cético.

Nas considerações finais, diante de expressão popular crescente, apresenta-se de modo propositivo algumas sugestões para uma melhor atuação no tocante ao sociocultural e sinodal, à luz da nova evangelização tão requerida para a contemporaneidade.

## 2. HISTÓRICO E CONSTITUIÇÃO DO THMR

Este capítulo tem como objetivo apresentar o histórico e constituição do THMR a partir da compreensão do processo e contexto da devoção mariana e do Rosário. Entender como culminou com o surgimento de grupos de homens que rezam o terço antes mesmo do advento do THMR dentro do Movimento Apostólico de Schoenstatt. Assim, tendo esta devoção popular se difundindo na rotina do povo, reacendendo a pastoral paroquial, sobretudo nas periferias de um mundo secularizado.

### 2.1 DEVOÇÃO - MARIANA E AO ROSÁRIO

A devoção à Mãe de Deus permeia a fé católica há séculos. Desde o início da vida pública de Jesus se reconhece as qualidades daquela escolhida para ser sua mãe - sendo este Deus feito homem, aquela escolhida para ser a Mãe de Deus. Essa relação de reciprocidade pode ser percebida nessa reflexão do Santo Padre Bento XVI, contida no *Verbum Domini* (VD), direcionada ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos:

Por conseguinte, a Palavra de Deus exprime-se em palavras humanas graças à obra do Espírito Santo. A missão do Filho e a do Espírito Santo são inseparáveis e constituem uma única economia da salvação. O mesmo Espírito, que actua na encarnação do Verbo no seio da Virgem Maria, guia Jesus ao longo de toda a sua missão e é prometido aos discípulos. O mesmo Espírito que falou por meio dos profetas, sustenta e inspira a Igreja no dever de anunciar a Palavra de Deus e na pregação dos Apóstolos; e, enfim, é este Espírito que inspira os autores das Sagradas Escrituras. (VD, 2021, p.16).

João Paulo II, em homilia realizada em La Serena, Chile, durante viagem apostólica àquele país, chama atenção à passagem do Evangelho de Lucas 11, 27: “Naquela hora, enquanto Jesus falava às turbas, uma mulher no meio da multidão ergueu a voz dizendo: Bendito o ventre que vos carregou e os seios que vos nutriram!” (*Lc 11.27*).

De acordo com o então pontífice, hoje santo: “este louvor a Jesus e Maria nasce da fé simples de uma mulher desconhecida. Empolgada no fundo do coração, diante dos ensinamentos de Jesus, diante de sua gentil figura, aquela pessoa não pode conter sua admiração.” Os títulos de Mãe da Igreja e Mãe de Deus acentuam ainda mais esse reconhecimento, tendo sido o primeiro dado oficialmente pela Igreja apenas em meados dos anos 60, pelo Papa Paulo VI. Esse título é antigo, já sendo encontrado na literatura patrística do século IV.

A Devoção Mariana e a tradição da reza do Terço chegaram à América Latina antes mesmo da formalização da Igreja no continente. Ao longo da história Latino-americana, a Maria dos Colonizadores converte-se na Maria do povo. São abundantes as devoções marianas dos diferentes países de América Latina e Central, desde a Virgem de Guadalupe à Nossa Senhora de Luján, na Argentina.

Souza (2017, p. 142) nos aponta para a importância da presença da figura de Maria no panorama continental e de como foi apresentada para que resultasse na estruturação de uma Devoção Popular Mariana. Em especial no contexto brasileiro, em um país de dimensões continentais, a devoção mariana expressa na “reza do terço”, é o que mantém muitas vezes a fé das comunidades isoladas. É fato que, nos dias atuais, muitas vezes essas mesmas comunidades já têm acesso às celebrações eucarísticas via rádio, tv e internet, contudo, essas não eliminaram as tradições da oração do meio dia e das dezoito horas em honra à Virgem Maria, e nem a tradição do Rosário.

De acordo com Murad (2012, p. 214), não se sabe ao certo quando os cristãos iniciaram a prática da Ave-Maria como oração vocal. A respeito dessa recitação em si, Staid (1995) afirma que:

No começo do séc. XII difunde-se no Ocidente a prática da recitação da ave-maria. Certamente a saudação angélica já era conhecida na cristandade já antes desse século: ela se acha contida no evangelho, constituída até o séc. VII a antífona ofertorial do quarto domingo do advento, marcado por particular ênfase mariana [...] (STOID, 1995, p. 1137).

Inicialmente somente era recitada a primeira parte da Ave-Maria, originada do evangelho de Lucas, constituída pela saudação angélica: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1,28), e pela exaltação de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!” (Lc 1,42).<sup>1</sup> Por ser uma oração fácil, foi introduzida nos mosteiros sua repetição 150 vezes, correspondendo ao saltério, para os monges que não eram alfabetizados e não tinham como ler os salmos.

Parreiras (s.d.) refere a figura de São Domingos de Gusmão, como fundador da Ordem dos Dominicanos. Foi o grande propagador do Rosário no início do século XIII. Naquela época havia muitos hereges que desviavam os fiéis da Igreja Católica. O Papa Inocêncio III mandou vários missionários para combater os hereges cátaros que desafiavam a Igreja Católica e que cresciam em toda a França, mas nada

---

<sup>1</sup> Citação transcrita de A Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

conseguiram. Somente frei Domingos de Gusmão, com a criação de sua ordem e com a insistente oração do Rosário, conseguiu acabar com esses hereges.

No século XIV, por volta do ano de 1.300, o frei dominicano Henrique Kalkar subdividiu as Ave-Marias em quinze dezenas, intercaladas por um Pai-Nosso cada. Sugerindo ainda a meditação dos mistérios. Em continuidade, frei Alano de La Rocha, da mesma congregação, o dividiu em mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. Com os referidos mistérios contemplavam a vida pública de Cristo respectivamente, encarnação, paixão-morte, ressurreição e glorificação. Sendo apenas incorporada a segunda parte da Ave-Maria aproximadamente em 1480.

Voltando nosso olhar ao magistério da Igreja, verificamos que vários papas conferiram destaque à oração do Rosário. De S. Pio V a S. João Paulo II<sup>2</sup>, diversos documentos pontifícios, tais como bulas, encíclicas e cartas apostólicas relacionados ao tema foram publicados, além de numerosos discursos.

STOID (1995, p. 1138), pontua que os primeiros documentos pontifícios sobre o Rosário diziam respeito, primeiramente, à disciplina ou ao encômio, aos privilégios, às indulgências das confrarias que se espalharam pela Europa.

Nesse mesmo sentido, Murad (2012, p. 215), em relação à devoção do Rosário, lembra que essa logo encontrou eco junto às confrarias de leigos e institutos religiosos como uma oração fácil de aprender. Refere também que esta devoção se originou no ambiente de conventos de frades, e logo se espalhou a partir dos movimentos leigos e institutos religiosos, principalmente após o Concílio de Trento.

Na bula *Consueverunt romani Pontífice*, de 1579, de São Pio V, encontramos a definição do Rosário como sendo uma forma simples de orar, sendo acessível. O Rosário ou Saltério da Bem-aventurada é composto pela repetição da veneração da mesma Beatíssima Virgem por 150 vezes. Essa quantidade está associada ao número do Saltério Davídico e pela Oração do Senhor em cada dezena, essas associadas a meditações que mostram a vida inteira de Jesus Cristo.

---

<sup>2</sup> No pontificado de Bento XVI (de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação) não foi publicado nenhum documento relativo ao rosário ou Nossa Senhora. Também no atual pontificado de Francisco, até a presente data, não houve publicação pontifícia relacionada ao tema. Entretanto, isso não significa dizer que seja um tema preterido para os pontífices. Indica-se a leitura do livro *Filha de Sião - a devoção mariana na Igreja*, de Joseph Ratzinger (Bento XVI) e também da obra *Ela é minha mãe!* de autoria de Alexandre Awi Mello, padre do Movimento de Schoenstatt que atualmente ocupa a função de atual secretário do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida. Trata-se de uma entrevista em que o autor apresenta a intimidade do Papa Francisco com Nossa Senhora.

A respeito desse documento, Staid (1995, p. 1137) afirma que a bula *Consueverunt romani Pontífice* tem papel fundamental na complexa história dessa devoção, uma vez que “a história do rosário não nasce com ela, porém nela encontra uma espécie de consagração oficial e por meio dela se fixa nas formas que substancialmente são as atuais para nós”.

No início do século XIV, os otomanos vinham invadindo as áreas europeias com o objetivo de expansão de seu império, devido aos eventos que se sucederam em 1571 aconteceu a Batalha de Lepanto, que teve um grande impacto espiritual para os católicos.

Cheio de confiança na promessa de Nossa Senhora, a qual o Papa Pio V acolheu através de uma revelação onde a cristandade venceria a batalha contra os invasores, graças à recitação do Santo Rosário, o Sumo Pontífice pediu, então, que toda a Igreja Católica, inclusive aqueles que participaram das batalhas, rezassem com fé e devoção o Rosário. Ao final da batalha, o papa Pio V se levantou e disse que deveriam dar graças a Deus, porque a batalha havia sido vencida pelos cristãos. Por ocasião da vitória de Lepanto, a bula *Salvatoris Domini*, de 1572, instituiu a festa litúrgica de Nossa Senhora da Vitória. STAID (1995, p. 1138) sintetiza a doutrina de Pio V a respeito do Rosário como sendo uma oração: a) propícia para superar dificuldades de guerras e outras calamidades; b) simples e ao alcance de todos; c) de grande eficácia contra as heresias e os perigos para a fé e operou numerosas conversões; d) recomendada a todo povo cristão.

Em 1573 Gregório XIII transformou em Festa do Santo Rosário, por meio da bula *Monet Apostulus*, sendo inserida no primeiro domingo de outubro. Posteriormente foi estendida à toda Igreja e após as reformas do Vaticano II foi renomeada Festa de Nossa Senhora do Rosário, comemorada em 7 de outubro, aniversário da batalha de Lepanto. Para tal contexto, Staid (1995) ressalta ainda:

De Gregório XIII a Leão XIII são numerosíssimos os documentos pontifícios referentes ao rosário. A maioria deles diz respeito à ereção de confrarias, à disciplina, aos privilégios etc. Nem sempre trazem elementos novos. A sua importância reside no fato de que documentam a continuidade de visão por parte dos pontífices [...] (STAID, 1995, p. 1138).

Ao lado de Pio V, Leão XIII pode ser considerado como papa do Rosário, tendo publicado em torno de 22 documentos relativos ao assunto, dentre os quais 12 cartas encíclicas e 2 cartas apostólicas que “desenvolvem com sublime doutrina os temas do rosário” (STAID, 1995, p. 1139).



Após o pontificado de Leão XIII, seguiram-se os papados de Pio X, Bento XV, Pio XI e Pio XII. Ainda de acordo com Staid (1995, p. 1139) “as intervenções de Pio X e de Bento XV revestem tom menor”. Como muitos dos seus predecessores, Pio XI, por meio da encíclica *Ingravescentibus malis* confia no Rosário como uma oração a que se deve recorrer nos momentos de dificuldade, principalmente aos ataques contra a fé católica, além de ser um valiosíssimo instrumento de fomento às virtudes evangélicas, que alimenta a fé e reacende a esperança e a caridade. Nessa mesma linha, Pio XII, na Encíclica *Ingruentium malorum* aponta o Rosário como força da Igreja e aurora de melhores dias.

O papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, muitas vezes, em suas alocuções ao povo, testemunhou sua devoção a Maria e ao Rosário. No solilóquio Diário da Alma, diário espiritual no qual Ângelo Roncalli registra sua caminhada espiritual rumo à santidade, encontramos a seguinte declaração:

O rosário, que desde o início de 1958 me empenho em recitar inteiramente com devoção, tornou-se exercício de meditação contínua e de contemplação tranquila e diária, que mantém aberto o meu espírito no campo vastíssimo do meu magistério e ministério de pastor máximo da Igreja e pai universal das almas (JOÃO XXIII, 2015, p. 35-36).

Em setembro de 1959 publicou a encíclica *Grata recordatio*, sobre a reza do terço para as missões e para a paz, recomendando sua oração durante o mês de outubro, incluindo ainda como intenção o bom êxito do Concílio Vaticano II, que teve início no seu pontificado e se estendeu até o papado de Paulo VI.

O Concílio Vaticano II promoveu uma renovação da Mariologia, sobretudo no capítulo VIII da Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen gentium* (LG), no qual possibilitou, sob critérios bíblicos, antropológicos, ecumênicos e pastorais, a compreensão de Maria como aquela que está intimamente ligada à obra salvadora do seu filho Jesus, conforme vemos na LG 55-59:

55. A Sagrada Escritura do Antigo e Novo Testamento e a venerável Tradição mostram de modo progressivamente mais claro e como que nos põem diante dos olhos o papel da Mãe do Salvador na economia da salvação. Os livros do Antigo Testamento descrevem a história da salvação na qual se vai preparando lentamente a vinda de Cristo ao mundo. Esses antigos documentos, tais como são lidos na Igreja e interpretados à luz da plena revelação ulterior, vão pondo cada vez mais em evidência a figura duma mulher, a Mãe do Redentor. A esta luz, Maria encontra-se já profeticamente delineada na promessa da vitória sobre a serpente (cf. Gn. 3,15), feita aos primeiros pais caídos no pecado. Ela é, igualmente, a Virgem que conceberá e dará à luz um Filho, cujo nome será Emmanuel (cf. Is. 7,14; cf. Mq. 5, 2-3; Mt. 1, 22-23). É a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim,

excelsa Filha de Sião, passada a longa espera da promessa, se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação, quando o Filho de Deus dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do pecado com os mistérios da Sua vida terrena.

59. Tendo sido do agrado de Deus não manifestar solenemente o mistério da salvação humana antes que viesse o Espírito prometido por Cristo, vemos que, antes do dia de Pentecostes, os Apóstolos perseveravam unanimemente em oração, com as mulheres, Maria Mãe de Jesus e Seus irmãos (At. 1,14), implorando Maria, com as suas orações, o dom daquele Espírito, que já sobre si descera na anunciação. Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original (198), terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma (183) e exaltada por Deus como rainha, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos senhores (cf. Ap. 19,16) e vencedor do pecado e da morte (184). (LG 55-59).

Iwashita (2014), comentando Libânio, retrata os desafios travados a partir dos novos critérios que renovaram a Mariologia com a perspectiva do Concílio Vaticano II, destacando que:

Segundo João Batista Libânio, mais que uma batalha teológica, tratou-se de uma batalha simbólica, esbarrando em uma barreira afetiva. “Depois da proclamação dos dogmas marianos nos séculos XIX e XX, a devoção popular mariana atingira níveis bem elevados. A tradição protestante é muito sóbria em relação à mariologia. Houve por parte das confissões evangélicas, teologicamente consistentes, uma reformulação positiva em relação ao culto de Maria, embora denominações pentecostais e neopentecostais mais recentemente reajam contra a devoção mariana de maneira apaixonada. E, às vezes, os dois lados em oposição se extremam em suas atitudes”. Essas contestações vieram acompanhadas de um desejo de retorno às fontes bíblicas e patrísticas, e de abertura maior ao mundo; integração maior da mariologia no conjunto da teologia, de modo que Maria pudesse ser vista no conjunto da história da salvação, em íntima associação à obra redentora do seu Filho Jesus, sob a divisa: “Ad Mariam per Jesum” e uma releitura da mariologia conforme o critério bíblico, antropológico, ecumênico e pastoral (LG 55-59). (IWASHITA, 2014, p. 555-556).

Em sua tese de doutorado, Iwashita (1991), retoma mudança de foco da mariologia na confrontação com a teologia contemporânea, no qual supera os tratados unilaterais e triunfalistas da mariologia dos manuais, que se demonstrava isolada e fechada como se fosse uma ciência em separado despida da globalidade, sofrendo duras críticas, sobretudo em linhas protestantes de um desvio do evangelho sob persuasão do popular-sincrético e mitológico. Ademais, acompanhado a isso, um forte desejo de retorno às fontes bíblicas e patrísticas (IWASHITA, 1991, p. 110).

Ainda conforme Iwashita (1991, p.113), a Mariologia deverá apresentar ao cristão de hoje, que acolhe profundas e inúmeras transformações culturais, econômicas e políticas, uma metodologia que venha de encontro com essas demandas da contemporaneidade.

Assim como observamos também na conclusão de seu artigo no que diz respeito à renovação da mariologia sobre o impulso do Concílio, recuperando este

mesmo pensamento expresso na Conferência de Puebla na América Latina, que também apresentou uma mariologia vigorosa neste sentido, posteriormente confirmada na Conferência de Aparecida (IWASHITA, 2014, p. 569).

Dando continuidade ao Magistério da Igreja relativo à devoção marial e ao Rosário, no período pós-conciliar, Paulo VI publica em 1966 a encíclica *Christi Matri*, onde destaca que indiretamente o Concílio Ecumênico Vaticano II recomendou a oração do Rosário a todos os filhos da Igreja, ao exortar “que estimem grandemente as práticas e devoções aprovadas pelo Magistério através dos tempos” (CM, 8).

Também de Paulo VI foram publicadas as exortações apostólicas *Recurrere Mensis October*, em 1969, publicada por ocasião do quarto centenário da *Consueverunt romani* e que reafirma o Rosário como oração para obter a paz, e a *Marialis Cultus*, de 1974, que diz respeito à reta ordenação e desenvolvimento do culto<sup>3</sup> à bem aventurada Virgem Maria e que “trouxe novas razões teológicas e novas perspectivas pastorais ao culto mariano” (GAUDIO, 2016, p. 154).

Finalizando o caminho relativo às publicações pontifícias relativas à devoção mariana e ao Rosário, mas sem a pretensão de tê-lo apresentado em sua plenitude, temos a carta apostólica *Rosarium Virgines Mariae*, de João Paulo II (2002), sobre a recitação do Rosário. Essas duas últimas citadas exortações – *Marialis Cultus* e *Rosarium Virgines Mariae* – serão vistas mais à frente no tópico relativo aos aspectos teológicos do Rosário e no capítulo dedicado à sua perspectiva teológico pastoral.

### **2.1.1 MARIA E AS CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANAS E DO CARIBE**

Oportuno destacar, fechando esse tema relativo à devoção marial e ao Rosário, também a presença mariana, além dos documentos pontifícios, nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM). Se na primeira (Rio de Janeiro, 1955) e na segunda (Medelín, 1968) conferências Maria é apenas invocada, na terceira (Puebla, 1979) ela é a estrela da evangelização, mãe e

---

<sup>3</sup> Nesse caso, culto de hiperdulia. Segundo Gaudio (2016, p. 153), “quanto ao aspecto teológico o culto é uma expressão da virtude moral da religião. Ele se distingue em culto de latria, dulia e hiperdulia. O culto de latria, ou seja, verdadeira adoração, é dedicado somente a Deus e à humanidade de Cristo, porque pertence ao Verbo que a assumiu na unidade da pessoa. O culto de *dulia*, ou simples veneração, é reservado aos santos, que são amigos de Deus e nos recordam e nos manifestam Deus, em referência ao qual são venerados e invocados. O culto de hiperdulia, ou veneração especial, é exatamente aquele próprio de Maria, pela sua singularidade de ser a Mãe do Verbo encarnado e de sua cooperação especialíssima na redenção, por isso ela é honrada com particular sentimento de reverência, de confiança e de amor”. (GAUDIO, 2016, p. 143).

modelo para o povo de Deus da América Latina. Boff (2019a, p.93), em relação ao legado e a contribuição de Puebla, bem como na *Lumen Gentium*, refere que demonstra Maria como ‘Mãe e modelo da Igreja’ (DP 282).

O Magnificat é o grande legado de Puebla à luz do qual seguimos elaborando a nossa mariologia latino-americana. Esta é marcada pela amplidão do serviço de Maria, cuja função materna se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais (DP 302 que cita MC37). Maria não está presente na evangelização de maneira decorativa, como se se tratasse de um verniz superficial (cf. DP 302 cita EN 20). Mas está presente na Igreja que quer evangelizar no fundo, na raiz da cultura do povo. Pois esta é ‘a hora de Maria’ (cf. DP 303), o tempo novo para uma evangelização que não exclua a justiça, o elemento-base da mensagem evangélica (BOFF, 2019a, p.93).

Em Santo Domingo (1992), Maria é a estrela da Nova Evangelização, conforme verificamos na conclusão da Mensagem da IV Conferência aos povos da América Latina e do Caribe:

À Nossa Senhora de Guadalupe, Estrela da Nova Evangelização, confiamos nossos trabalhos. Ela tem caminhado com nossos povos desde o primeiro anúncio de Cristo. A ela suplicamos, hoje, que encha de ardor nossos corações, para proclamarmos, com novos métodos e novas expressões, que Jesus Cristo é o mesmo Ontem, Hoje e Sempre (Hb 13,8). (SD, 48).

Na quinta e, até o presente momento, última conferência do CELAM, em Aparecida (2007), Maria, além de estrela da evangelização, é discípula e missionária.

Como na Conferência de Puebla, em Aparecida há um ponto dedicado totalmente à Maria, o 6.1.4, intitulado Maria, discípula e missionária. De acordo com o espírito geral do Documento, que considera o cristão católico como discípulo missionário, ela é apresentada como a “discípula mais perfeita do Senhor”, por causa “de sua fé (cf. Lc 1,45), de sua obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1,38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2,19. 51)”, seguindo a indicação dada em *Lumen Gentium*, n. 53 (Aparecida n. 266) (HACKMANN, 2017, 435-457).

Também no Documento de Aparecida vemos o destaque à importância desta devoção popular marial na figura da oração do Rosário:

Esta familiaridade com o mistério de Jesus é facilitada pela reza do Rosário, onde: “o povo cristão aprende de Maria a contemplar a beleza do rosto de Cristo e a experimentar a profundidade de seu amor. Mediante o Rosário, o cristão obtém abundantes graças, como recebendo-as das próprias mãos da mãe do Redentor” (Dap. 271b).

Nos capítulos seguintes, relativos à nova evangelização e aos desafios pastorais, retomaremos esse aspecto da presença de Maria na devoção dos povos latino-americanos.

## 2.2 MARIA E O MOVIMENTO DE SCHOENSTATT

As devoções marianas mais conhecidas são aquelas cujos títulos são decorrentes de aparições ou revelações particulares<sup>4</sup> de Maria, tais como Nossa Senhora de Fátima, Lourdes, Guadalupe e Aparecida<sup>5</sup>, que atraem multidões de peregrinos. Laurentin (1995, p. 122) define aparição como a “manifestação visível de um ser cuja visão naquele lugar ou naquele momento é inusitada e inexplicável segundo o curso natural das coisas”.

O referido autor – eminente mariologista e grande defensor das aparições marianas – chama a atenção para o fato de que, não obstante a importância dessas aparições, seu estatuto no seio da Igreja é modesto. A respeito das aparições, afirma que “quando se manifestam, geralmente são mal recebidas e sufocadas. No fim das contas, são mais toleradas do que reconhecidas oficialmente”. (LAURENTIN, 1995, p. 122).

De fato, muitas são as notícias de aparições, mas poucas são oficialmente reconhecidas pela Igreja, a quem cabe discernir a respeito da autenticidade desses fenômenos, sendo apenas possível considerar legítima uma aparição após seu reconhecimento oficial pela mesma.

As autoridades competentes para intervir, por ocasião de presumíveis fatos sobrenaturais, a partir dos quais surjam espontaneamente, entre os fiéis, um culto ou uma devoção, são: o ordinário do lugar, a quem compete, antes de tudo, a tarefa de vigiar e intervir; a conferência episcopal regional ou nacional, se o ordinário a ela recorrer ou no caso do fato já pertencer ao âmbito regional ou nacional, mas sempre com a anuência prévia do ordinário do lugar.

---

<sup>4</sup> Conforme o Catecismo da Igreja Católica (CIC), além de por meio de suas obras, outra ordem de conhecimento pela qual Deus se dá a conhecer pelo homem é a Revelação divina, desde a criação, passando pelos profetas, tendo em Jesus Cristo a plenitude de toda a revelação: Portanto, a economia cristã, como nova e definitiva aliança, jamais passará, e já não se há de esperar nenhuma nova revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo. No entanto, apesar de a Revelação já estar completa, ainda não está plenamente explicitada. E está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance, no decorrer dos séculos. No decurso dos séculos tem havido revelações ditas privadas, algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja. Todavia, não pertencem ao depósito da fé. O seu papel não é aperfeiçoar ou completar a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente, numa determinada época da história. Guiado pelo Magistério da Igreja, o sentir dos fiéis sabe discernir e guardar o que nessas revelações constitui um apelo autêntico de Cristo ou dos seus santos à Igreja. (CIC, 66-67)

<sup>5</sup> Em Aparecida não houve uma aparição propriamente dita, mas o milagre da pesca milagrosa atribuído à imagem de Nossa Senhora da Conceição encontrada por alguns pescadores em 1717. Apenas em 1930, após um decreto do Papa Pio XI, Nossa Senhora Aparecida foi proclamada padroeira do Brasil.

A Sé Apostólica, que pode intervir nessas situações, quer a pedido do próprio ordinário, quer de um grupo qualificado de fiéis, quer também diretamente em razão da jurisdição universal do Sumo Pontífice, conforme definido no número IV das Normas para Proceder no Discernimento de Presumíveis Aparições e Revelações<sup>6</sup>.

Atualmente o processo de aprovação de uma aparição se dá por meio do que está definido nas referidas normas, estabelecidas pela Congregação para a Doutrina da Fé, datadas de 24 de fevereiro de 1978 e assinadas pelo Papa Paulo VI, mas que só foram oficialmente publicadas pelo Dicastério em 14 de dezembro de 2011, no pontificado de Bento XVI.

A partir do século XIX, cresceram as peregrinações a santuários marianos, frutos de aparições, conforme afirma Krieger (2016, p. 20) e como ressalta ainda Martín (1995):

Elementos comuns a quase todas as aparições são a condição simples dos videntes, a transmissão de mensagem que chama à conversão e convida à prática e devoções; a edificação de um santuário no qual se produzam fatos miraculosos e que se torna lugar de peregrinação (MARTÍN, 1995, p.399).

Ao contrário do que ocorre com essas devoções mais conhecidas, em Schoenstatt não houve aparições ou revelações de Maria. Ela foi convidada pelo Pe. José Kentenich<sup>7</sup>, fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, a se estabelecer na capelinha que hoje é o centro mundial do Movimento.

---

<sup>6</sup> As normas enumeram alguns requisitos básicos para o correto discernimento das aparições, considerando seus aspectos positivos e negativos, "a fim de que a devoção suscitada entre os fiéis por acontecimentos deste tipo possa manifestar-se no respeito da plena comunhão com a Igreja e dar frutos, dos quais a própria Igreja possa discernir em seguida a verdadeira natureza dos acontecimentos". O estatuto estabelece que a autoridade eclesiástica, após ser informada a respeito de uma possível aparição ou revelação, deverá julgar o fato, segundo critérios positivos e negativos e, em caso de uma conclusão favorável, permitir algumas manifestações públicas de culto ou devoção e expressar um juízo sobre a verdade e a sobrenaturalidade do fenômeno. Recentemente, na diocese de Pesqueira (PE), o ordinário local, Dom José Luiz Salles, por meio de Carta Pastoral publicada em outubro de 2021, reconheceu as presumíveis aparições de Nossa Senhora da Graça a duas crianças na Vila de Cimbres, em 1936.

<sup>7</sup> Pe. José Kentenich nasceu em Gymnich, Alemanha, em 1985. Aos 09 anos de idade teve uma experiência filial com Maria, quando foi entregue aos seus cuidados pela sua própria mãe biológica, Katharina Kentenich, que devido às dificuldades da época, precisou deixar o filho em um orfanato, a fim de que o mesmo continuasse seus estudos. Na despedida, Katharina parou em frente a uma imagem de Nossa Senhora que havia na capela do orfanato e consagrou o pequeno José a Maria, confiando-o aos seus cuidados maternos. Esse momento foi muito marcante na vida dele, conforme se verifica nos seus escritos, a partir do qual teve Maria como sua grande educadora (José Kentenich, uma vida à beira do vulcão. SCHLICKMANN, 2020, p. 28-29).

### **2.2.1 A ORIGEM DO MOVIMENTO DE SCHOENSTATT E A MARIOLOGIA DO PE. KENTENICH**

Pouco tempo após sua ordenação sacerdotal, ocorrida em 1910, aos 25 anos de idade, Pe. Kentenich foi nomeado professor de latim e de alemão dos vocacionados de sua comunidade, no seminário onde ele mesmo havia estudado. Logo conquistou o respeito e a simpatia dos alunos, visto que seus métodos pedagógicos eram totalmente diferentes do modelo daquela época. Procurou levar os alunos à autonomia e educá-los para que se tornassem homens novos, livres, ousados, compenetrados no grande ideal cristão. (BARBOSA, 1982, p. 44).

Em outubro de 1912 foi nomeado diretor espiritual de um novo seminário Palotino inaugurado em Schoenstatt, na cidade de Vallendar. No local onde o seminário foi construído outrora havia um convento de Agostinianas, do qual ficaram duas torres da igreja, alguns edifícios e uma pequena capelinha do cemitério, dedicada a São Miguel, em honra dos falecidos.

Em 27 de outubro de 1912 realizou sua primeira conferência, a que o próprio Pe. Kentenich denominou “programa”. Essa conferência é o primeiro anúncio dos ideais e princípios de Schoenstatt e por isso mais tarde foi denominado Documento de Pré-Fundação. Anuncia-lhes qual deverá ser o objetivo do caminho que se propunha a percorrer junto os seminaristas: “sob a proteção de Maria, queremos aprender a educar-nos para sermos personalidades firmes, livres e sacerdotais.” (KENTENICH, 1995, p. 10-15).

Personalidades que vivam santamente no meio do mundo moderno. No decorrer da conferência apresenta o detalhamento do programa que será a ocupação do grupo no decorrer do ano. Aponta a autoeducação como um imperativo para a conquista do mundo interior, que vai além da formação intelectual e teórica, a fim de formar uma personalidade que não se deixe dominar pelo ambiente ou por seus instintos e paixões, mas que domine a si mesma e suas ações. (KENTENICH, 1995, p. 24).

Nessa conferência já faz menção às congregações marianas, visto que alguns meses antes havia participado de um Congresso Mariano em Treves, no qual fora mencionado o tema, e que na visão do Pe. Kentenich seria uma instituição que corresponderia a seus objetivos na condução dos jovens, favorecendo a autonomia, a liberdade, a vida comunitária, a unidade e o desenvolvimento da personalidade. Schilickmann (2020) afirma que:

Pe, Kentenich sentia-se atraído pelas congregações de um ponto de vista pedagógico, sobre o qual já lera bastante; tratava-se de formar uma comunidade livre, para favorecer a autonomia moral. As congregações marianas visam uma renovação ética e religiosa através de uma vivência creível e proporcionam um espaço social para uma vida cristã autônoma, fundada sobre decisões livres (SCHLICKMANN, 2020, p. 83-84).

Os jovens aderiram ao programa apresentado pelo Pe. Kentenich, tendo suas vidas completamente transformadas. Em abril de 1914 a congregação mariana foi fundada. Em conferência realizada no período de fundação, Pe. Kentenich sintetiza o objetivo da congregação na expressão *Per Mariam ad Jesum!* Por Maria a Jesus! Destaca que o propósito imediato da congregação é a pessoa de Maria e o empenho por ela; e o propósito definitivo é Cristo Jesus: “consagramo-nos sem reservas a Mãe de Deus, para que ela nos conduza a seu divino Filho (KENTENICH, 1995, p. 37-38).

A capelinha antes dedicada a São Miguel, e que estava abandonada, foi doada pelo conselho provincial dos palotinos para a jovem congregação mariana, que seguia cada vez mais entusiasmando os jovens nos seus ideais.

No final de julho de 1914 um acontecimento marcante da história mundial interfere diretamente no destino da congregação, culminando no nascimento do Movimento de Schoenstatt: a eclosão da primeira guerra mundial. Mais tarde o fundador dirá que “Schoenstatt é filho da guerra”. (KENTENICH, 1995, p. 47).

Os jovens são mandados para casa, o internato será transformado em hospital militar. A maioria dos jovens congregados estava em idade de convocação para a vida militar. O Pe. Kentenich preocupa-se com os perigos exteriores e interiores para os jovens, quando estiverem expostos às mais diversas situações nas casernas. (SCHLICKMANN, 2020, p. 98).

Mas “o extraordinário aconteceu nas circunstâncias ordinárias da vida de cada dia” (KENTENICH, 1995, p. 47). A partir de um fato comum – se dirigir à biblioteca para ler os jornais e revistas – nasceu no silêncio do coração do Pe. Kentenich a ousada ideia da qual se originou o Movimento de Schoenstatt.

Ao folhear a revista *Allgemeine Rundschau*, se depara com um artigo cujo título é ‘De uma cidade morta, surge uma cidade viva’, que relatava a experiência de Bartolo Longo<sup>8</sup>, que após sua conversão constrói sobre as ruínas da cidade de

---

<sup>8</sup> Beato Bartolo Longo, apóstolo do rosário que fundou o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia (Itália), nasceu em Latino, em 10 de fevereiro de 1841. Antes de obter a licenciatura em direito na Universidade de Nápoles, enveredou-se na moda anticristã da época e dedicou-se à política, às superstições, ao espiritismo: chegou a ser médium de primeiro grau e sacerdote espírita. Graças à influência de seu amigo Vicente Pepe e do dominicano Pe. Alberto Radente voltou à fé católica. Sua



Pompeia, que no passado havia sido arrasada pelo Vesúvio, um local de romarias e de inúmeras conversões pela simples oração do terço.

À luz desta provocante inspiração, Pe. José Kentenich olha para a capelinha cedida para a congregação, antes abandonada e que servia apenas para guardar material de jardinagem e se questiona se ali também não poderia tornar-se um lugar de romarias pelos sacrifícios e esforços que movesse a Mãe de Deus e se estabelecer nela. Sobre tal perspectiva, Schlickmann (2020) afirma que:

E se Deus quisesse uma coisa semelhante aqui, neste lugar? Se Maria se deixasse atrair também aqui, com orações e sacrifícios? Se quisesse desdobrar, a partir daqui sua educação maternal, educação de personalidades firmes, livres e sacerdotais, como ele o desejava para os seus jovens? [...] Quantas vezes, na história universal, coisas pequenas e insignificantes tornaram-se fonte de grandes e das maiores coisas. Por que não poderia isso também acontecer aqui? (SCHLICKMANN, 2020, p. 100-101).

Pe. Kentenich não confiou a ninguém seus pensamentos, pois queria ter certeza se era uma ideia vinda dele próprio ou se Deus estava por trás dela. Quando alguns jovens regressam das férias para os estudos, Pe. Kentenich apresenta-lhes um programa no qual propõe a aceleração<sup>9</sup> do desenvolvimento da autoeducação dos congregados em vista de transformar a capelinha de Schoenstatt em um lugar de romarias.

Esta Obra é digna de zelo e dos esforços mais nobres de elevada aspiração à virtude. Em 18 de outubro de 1914, numa conferência que mais tarde tornou-se o 1º Documento de Fundação do Movimento, expõe aos jovens congregados sua ideia silenciosa assim descrita:

Cada um de nós deve atingir o grau mais elevado que se possa imaginar da perfeição e santidade de estado. A meta da nossa aspiração mais elevada não deve ser simplesmente grande ou a maior, mais precisamente a máxima. Compreendereis que só ousar apresentar uma exigência tão extraordinária sob a forma de um modesto desejo. Mas se quereis saber a origem deste desejo, permitireis, com certeza, que vos revele uma secreta ideia predileta.

---

conversão aconteceu no dia do Sagrado Coração de Jesus, em 1865, na Igreja do Rosário de Nápoles. Mais tarde, escreveu, fazendo alusão à sua própria experiência, que não pode haver nenhum pecador tão perdido, nem alma escravizada pelo implacável inimigo do homem, satanás, que não possa se salvar pela virtude e eficácia admirável do santíssimo Rosário de Maria, agarrando-se nessa corrente misteriosa que nos estende do céu a rainha misericordiosíssima das místicas rosas para salvar os tristes naufragos deste tempestuoso mar do mundo.

<sup>9</sup> Anteriormente, quando da sua apresentação como novo diretor espiritual, Pe. Kentenich já havia apresentado um programa de autoeducação, como visto em parágrafos anteriores. Essa aceleração visava proteger os jovens naquele período conturbado e ferido, a fim de que os mesmos não se perdessem diante dos horrores da guerra, se esforçando ao máximo pela sua santificação.

Quando Pedro viu a glória de Deus no Tabor, exclamou, encantado: É bom estar aqui. Vamos construir aqui três tendas! (Mc 9,5).

Esta palavra vem-me constantemente à memória. E já várias vezes me perguntei: não seria possível que agora a capelinha da nossa Congregação se tornasse também o nosso Tabor, no qual se revelam as glórias de Maria? Não podemos, sem dúvida, realizar uma ação apostólica maior, não podemos legar aos nossos sucessores uma herança mais valiosa, do que mover Nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de maneira especial, o seu trono, a distribuir os seus tesouros e a operar milagres da graça.

Imaginais onde quero chegar: gostaria de transformar este lugar num lugar de peregrinação, num lugar de graças para a nossa casa, para toda a província alemã e talvez para mais além. Todos os que aqui vierem para rezar, devem experimentar as glórias de Maria e confessar: É bom estar aqui. Queremos construir aqui tendas, este deve ser o nosso lugarzinho predileto! Uma ideia ousada, talvez ousada demais para o público em geral, mas não ousada demais para vós. Quantas vezes, na história mundial, as coisas pequenas e insignificantes foram a fonte de coisas grandes e das coisas maiores. Porque não poderia acontecer o mesmo no nosso caso? (KENTENICH, 1995, p. 52-53).

Numa atitude ousada e heroica, dá um verdadeiro salto no escuro, amparado pela confiança na divina providência, e faz daquela que era a ideia predileta, sempre no secreto do seu coração, uma concretude, nascendo ali naquela capelinha outrora dedicada a São Miguel o berço do movimento de Schoenstatt, através da Aliança de Amor selada entre a Mãe, Pe. José Kentenich e os jovens seminaristas.

Gaudio (2016), citando Laurentin e Sbalchiero, assinala que “as mariofanias devem ser interpretadas, primeiramente, como sinal da pedagogia de Deus, o qual escolhe sempre mediações humanas para as suas revelações e se insere, com pleno direito, na história humana para transformá-la em história de salvação”. No caso de Schoenstatt, mesmo sem haver uma aparição, Pe. Kentenich se coloca como um instrumento humano por meio do qual a Mãe de Deus se utilizou para a construção da Obra do Movimento. (Laurentin e Sbalchiero, 2010 apud Gaudio, 2016, p. 162).

Embora o Movimento de Schoenstatt – onde o THMR foi gestado como representação popular – não tenha sido fruto de aparições marianas, essas foram uma das fontes que conduziram o pensamento mariológico do Pe. Kentenich, conforme prefácio da sua obra intitulada: Maria, Mãe e Educadora – Uma mariologia aplicada, que apresenta uma coleção de sermões elaborados pelo Pe. Kentenich no ano mariano de 1954 referidos assim:

Os sermões contidos neste livro constituem ampla escola de formação mariana. Em sua elaboração, Pe. Kentenich se baseou sobretudo em três fontes de orientação: os pronunciamentos e esforços dos últimos Papas, as grandes aparições de Maria nos últimos séculos e as manifestações dos teólogos da Igreja (KENTENICH, 1990, p.11).

Atualmente existem santuários dedicados à Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt em vários países. O Código de Direito Canônico (CDC) define um Santuário como uma igreja ou lugar sagrado, aos quais, por motivos de devoção, se dirigem numerosos (frequentes) fieis, em peregrinação, com a aprovação do ordinário do lugar como já mencionado anteriormente.

Beckhäuser (2007, p. 63) entende que o ato de peregrinação a um santuário já carrega em si o significado de Liturgia, configurado por sua linguagem memorial simbólica e profética. Acrescenta a importância que cada peregrino vivencia nesse rito, desvelando-os seus mistérios, mencionando ainda que não se deve interferir na relação que os peregrinos terão nesse processo, sem buscar tentar explicar, exemplificar sentidos estigmatizados.

A respeito dos santuários marianos, o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* afirma: “É lá, nos santuários, que se pode observar como Maria reúne ao seu redor os filhos que, com grandes sacrifícios, vêm peregrinos para vê-la e deixar-se olhar por Ela”. (EVANGELII GAUDIUM, 286). Brustolin (2017) assim refere:

Os santuários marianos são memórias do dom gratuito de Deus para com seu povo. Eles evocam aparições, milagres, sinais, eventos fundadores, que constituem a verdadeira origem da devoção popular em determinado lugar de fé. Quem entra no santuário, antes de tudo, agradece a Deus os benefícios recebidos. Eles são sinais do seu amor para cada pessoa e para todo seu povo fiel (BRUSTOLIN, 2017, p.102-103).

A partir da própria história de vida do Pe. José Kentenich e dos episódios que deram origem ao movimento, vistos de forma resumida nos parágrafos anteriores, constatamos que a mariologia do fundador do Movimento enfatiza o aperfeiçoamento humano, demonstrando sua compreensão de Maria como mãe educadora, conforme o prefácio da obra *Maria Mãe Educadora – Uma Mariologia aplicada*, numa compreensão eminentemente pré-conciliar de uma mariologia ainda desarticulada do resto da teologia e desprovida dos enfoques missionários, pastorais e sociais, focada nas glórias de Maria (KENTENICH, 1990, p.11).

A ênfase dada na mariologia kentenichiana leva em conta a bi unidade de Cristo e Maria na obra da redenção, isto é, Maria como coadjuvante de Jesus, desvelando com isso sua tendência predominantemente cristotípica. (KENTENICH, 1990, p. 204).

Esse pensamento triunfalista e maximalista, utilizando dessa compreensão, considera sempre como ponto alto sua tarefa de Mãe educadora e modelo cristão

(KENTENICH, 1990, p.211), fazendo sempre alusões às glórias de Maria, demonstrando suas grandezas, seja como Mãe de Deus ou como Mãe da humanidade, elevando sempre às altas exigências a sua pedagogia marial focada no aperfeiçoamento humano. (KENTENICH, 1990, p.70).

## **2.2.2 ESTRUTURA DO MOVIMENTO DE SCHOENSTATT**

Pe. Kentenich e os jovens convidaram a Mãe de Deus a se estabelecer na capelinha, realizando o que mais tarde se chamou Aliança de Amor, que não é outra coisa a não ser o cumprimento da aliança batismal (ou, que é a forma de viver a aliança batismal). Como em todo convênio, na Aliança de Amor de Schoenstatt, há promessas e exigências. Por meio dessa Aliança de Amor, Pe. Kentenich pretendia a renovação moral do mundo em Cristo por Maria. Ao selar a Aliança de Amor, passa-se a integrar a Família de Schoenstatt, onde cada um se insere na organização da Obra de Schoenstatt de acordo com sua vocação. De acordo com Bonfante e Dotto (2006):

A Obra de Schoenstatt é uma federação de comunidades autônomas que, em responsabilidade pelo Reino de Deus, se empenha, a partir de Schoenstatt, pela renovação mariana do mundo em Cristo, em vista da nova margem dos tempos. A edificação federativa da Obra de Schoenstatt se ramifica segundo os quatro estados de vida: a coluna dos sacerdotes, a coluna masculina, a coluna feminina e a coluna das famílias. (BONFANTE e DOTTO, 2006, p. 11).

A estrutura da Obra de Schoenstatt é formada pelo Movimento Organizado e pelo Movimento Popular e de Peregrinos. O Movimento Organizado é constituído pelos Institutos Seculares, as Uniões e Ligas Apostólicas de Schoenstatt, que por sua vez possuem segmentos próprios que, a partir de seu estado de vida, formam os Ramos da Família, como elucida Barbosa (1982):

Os institutos são, cada um por si, unidades autônomas que, como Institutos Seculares, se esforçam por encarnar e viver exemplarmente o ideal do homem novo e da nova comunidade de cunho apostólico universal. Através de um contrato, seus membros obrigam-se a aspirar ao mais alto grau de perfeição do seu estado de vida e profissão, segundo os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência (BARBOSA, 1982, 74).

Existem os seguintes segmentos de Institutos: dos Padres de Schoenstatt, dos Sacerdotes Diocesanos de Schoenstatt, das Irmãs de Schoenstatt, das Senhoras de Schoenstatt e das Famílias (casais) de Schoenstatt. Nas Uniões Apostólicas de Schoenstatt reúnem-se pessoas dispostas e capazes de assumir tarefas de

responsabilidade tanto no âmbito secular como eclesial. De acordo com Barbosa (1982):

A finalidade da União é educar e formar líderes leigos cristãos (...) no espírito da Igreja, animar e cultivar sua vida e ação apostólica (...). Para alcançar este objetivo, os membros da União aspiram o mais alto grau possível de perfeição do seu estado de vida e profissão, segundo o espírito dos conselhos evangélicos; cultivam e mantêm estreita vinculação com a comunidade do grupo (...); obrigam-se ao constante apostolado do ser e da ação, em todos os campos acessíveis e convenientes a eles. (BARBOSA, 1982, p. 75).

Os segmentos das comunidades das Uniões Apostólicas são: a União dos Sacerdotes Diocesanos de Schoenstatt, União Apostólica Feminina de Schoenstatt (solteiras), União dos Enfermos de Schoenstatt (Apostolado dos doentes), União das Mães de Schoenstatt, União das Famílias de Schoenstatt, União dos Homens de Schoenstatt e União da Juventude Masculina de Schoenstatt.

Por sua vez, as Ligas Apostólicas tem por finalidade constituir, inspirar e orientar apóstolos em todos os âmbitos, a partir do espírito da Igreja. Bonfante e Dotto (2006, p. 14) afirmam que “a especificidade da Liga está em sua natureza eminentemente apostólica. A Liga é o braço apostólico do Movimento de Schoenstatt. É o instrumento principal através do qual o Movimento de Schoenstatt deve cumprir sua missão na Igreja e no mundo.”

Dentre os mais nobres intuitos das Ligas destacam-se o de “fazer com que, por seus membros, Schoenstatt esteja presente e atue eficientemente nas paróquias e dioceses, e que, no âmbito de sua própria vida e profissão, o mundo seja impregnado de vida e espírito cristão” (BARBOSA, 1982).

As comunidades das Ligas Apostólicas de Schoenstatt apresentam os seguintes segmentos: Liga dos Sacerdotes Diocesanos de Schoenstatt, Liga da Juventude Feminina de Schoenstatt, Liga Apostólica Feminina de Schoenstatt, Liga dos Enfermos, Liga das Mães de Schoenstatt, Liga de Famílias de Schoenstatt, Liga Masculina de Schoenstatt e Liga da Juventude Masculina de Schoenstatt.

O Movimento Popular e de Romeiros (ou Peregrinos) de Schoenstatt é formado por todos os que têm algum contato com a vida de Schoenstatt ou visitam regularmente algum dos seus santuários e fazem uma consagração particular à Mãe de Deus, porém não se integram às organizações e comunidades do Movimento Organizado. Barbosa (1982) distingue os romeiros entre permanentes e ocasionais:

Romeiros permanentes são aqueles que peregrinam periodicamente a um santuário, fazem em particular a Aliança de Amor com a Mãe de Deus no sentido da espiritualidade de Schoenstatt e cooperam com o capital de graças

do Santuário. Romeiros ocasionais, como a palavra já diz, são aqueles que visitam o Santuário da Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, para um encontro pessoal com Deus e sua Mãe Santíssima, com a finalidade de agradecer e pedir alguma graça. Eles não se vinculam ao Santuário. (BARBOSA, 1982, p. 77).

No movimento popular estão alocados a Campanha da Mãe Peregrina (CMP) e o Terço dos Homens Mãe Rainha. A CMP surgiu em 1950, por ocasião da proclamação da assunção de Maria<sup>10</sup>, quando o servo de Deus João Luiz Pozzobon recebeu a imagem da Mãe Peregrina e teve como ideal resgatar as famílias, por meio da visita às casas e reza do terço.

Em alguns trabalhos chegamos a ver uma associação entre o João Luiz Pozzobon e o Terço dos Homens Mãe Rainha, mas não é o caso, visto que a missão do Sr. João Luiz Pozzobon era realizada nas famílias, hospitais, escolas. Além disso, um fato particular na história da Igreja – a celebração da proclamação do dogma – foi o que motivou o início da Campanha. O surgimento do Terço dos Homens Mãe Rainha, THMR, veremos na próxima sessão.

### **2.3 HOMENS REZANDO O TERÇO – ORIGEM DO THMR**

A reza do terço por grupos de homens é uma prática antiga no Brasil. Na época da escravidão já existia. Eram os escravos que se reuniam com os missionários para rezar o terço. O “Terço dos Homens dos Pretos” é um exemplo disso. Depois, houve grupos isolados de homens que, de quando em quando, se reuniam para rezar o terço. Temos vários exemplos na história da Igreja no Brasil de grupos de homens que se reuniram para rezar o terço.

O Movimento de Schoenstatt, por ter o Terço dos Homens como um de seus objetivos missionários, contribuiu muito para a expansão desse verdadeiro fenômeno que é o crescente número de grupos de terços formados exclusivamente por homens.

Os grupos do Terço dos Homens continuam crescendo por todo país – aqueles do Movimento da Mãe Rainha – como popularmente é conhecido o Movimento de Schoenstatt – e os de muitas outras iniciativas independentes. De acordo com reportagem da revista O Globo<sup>11</sup>, de 06/11/2016, a cidade do Rio de Janeiro-RJ sedia o maior grupo de terço dos homens do país. Na época da publicação,

<sup>10</sup> Por meio da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus* (Deus munificentíssimo), no dia 1º de novembro de 1950, o Papa Pio XII proclamou o dogma da assunção de Nossa Senhora ao céu em corpo e alma

<sup>11</sup> Reportagem completa disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/rio-sedia-maior-grupo-de-terco-dos-homens-do-pais-20414648>

na paróquia de São Rafael Arcanjo, localizada em Vista Alegre, Zona Oeste da cidade, chegavam a se reunir em torno de três mil homens em cada encontro.

Esses encontros, formados por um público diversificado tanto na faixa etária - crianças, jovens, adultos, idosos, com média que varia de 8 a 80 anos – como também de segmentos sociais distintos - estudantes, auxiliares administrativos, advogados, empresários, desempregados, ex-presidiários, ex-jogadores de futebol - vindos de todas as partes da cidade, ocorriam de forma periódica e regular.

Esta devoção mariana se tornou tão visível na Igreja e os seus frutos de conversão e de santificação tão abundantes, que levou Dom Gil Antônio Moreira a apoiar essa expressão de evangelização. A partir de 2008, começaram as romarias do Terço dos Homens ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, que deram um extraordinário impulso ao movimento, com muitas outras iniciativas por todo o Brasil.

Pouco tempo depois, o então Padre Darcy Niccioli, Reitor do Santuário, atual Bispo Auxiliar de Aparecida, sugeriu aos romeiros do Terço dos Homens solicitar à presidência da CNBB a nomeação de Dom Gil como Bispo Referencial para o Terço dos Homens em nível nacional. O pedido foi prontamente acolhido pelo então Presidente, Dom Geraldo Lyrio Rocha, que o nomeou para esta missão.

O THMR vinculado ao Movimento de Schoenstatt, originou-se concretamente no Nordeste do Brasil. No guia Terço dos Homens Mãe Rainha - Orientações gerais e pastorais para o Terço dos Homens, de autoria do Pe. Vandemir Jozeé Meister, Assessor Nacional do Terço dos Homens - e no livro Rosário - Manual do Terço dos Homens Mãe Rainha, organizado pelo Pe. Pedro Cabello, encontramos um pequeno histórico do seu surgimento, onde se destacam dois momentos que marcam esse início. O primeiro momento foi entre os anos de 1996 e 1997, conforme assinala o referido guia:

A primeira semente deu-se no ano de 1996, em Maceió, na Casa da Mãe Rainha, onde o Sr. Jurandir Oliveira reunia-se com um pequeno grupo de homens e rezavam o terço enquanto suas esposas realizavam as reuniões de coordenação das missionárias da Campanha da Mãe Peregrina (MEISTER, 2019, p. 17).

Porém, de acordo com o Manual THMR, “esta devoção durou pouco, não conseguindo congregar muitos participantes”, como nos aponta Cabello (2011), contudo, foi graças a iniciativa de uma pernambucana, mãe de um sacerdote e, à

época, coordenadora da Campanha da Mãe Peregrina, esse primeiro passo não se perdeu.

Conforme destacado no Manual, em 1997, a Sra. Oneida Araújo da Silva, que teve oportunidade de participar de uma das referidas reuniões de coordenação de missionárias da Campanha da Mãe Peregrina, em Maceió, viu os homens rezando e apresentou tal evento ao padre de sua paróquia, em Jaboatão dos Guararapes, como descrito abaixo:

Foi sob a orientação do Pe. Américo Vasconcelos, salesiano, e da Sra. Oneida Araújo da Silva, que germinou a 05 de março de 1997 a primeira semente do Terço dos Homens no nível paroquial, no Município de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. Este começo deu-se na Capela de Nossa Senhora do Livramento, com um grupo de 15 homens. (CABELLO, 2011, p. 14).

O segundo momento ocorreu ainda em 1997, quando o Pe. José Pontes, do Instituto dos Padres de Schoenstatt, que no período assessorava a Campanha da Mãe Peregrina, deparou-se com o descrito acontecimento em Jaboatão dos Guararapes e, inspirado nessa experiência, teve a ideia de formar um grupo semelhante no Santuário da Mãe e Rainha, em Olinda. “Foi neste local<sup>12</sup> que segundo Cabello (2011, p. 14), o Terço dos Homens teve seu grande desenvolvimento, integrando-se na fecundidade do Santuário e na força do Movimento Apostólico” [de Schoenstatt].

Padre Pontes, em seguida, convidou alguns homens que frequentavam assiduamente o Santuário de Olinda para assumir essa ideia evangelizadora e começar a rezar o terço mensalmente. Com a reza, no Santuário, lentamente vão se inserindo no carisma e na espiritualidade do Movimento Apostólico de Schoenstatt.

No mês de maio de 1997, surgiu a ideia de rezar o terço semanalmente, pois era o mês de Maria. Os homens assumiram esse propósito, mas não somente este, como também uma atitude missionária: fundar o THMR em outras paróquias da arquidiocese de Olinda e Recife; pois a experiência que tinham vivido, rezando o terço em comum, tinha produzido entre eles grandes frutos de transformação.

Eles atribuíam essa graça<sup>13</sup> ao Santuário da Mãe e Rainha, que lhes dava força missionária para expandir o THMR. Esse Santuário foi consagrado com um ideal e missão muito atual e exigente: ser um Santuário a serviço da Nova Evangelização.

---

<sup>12</sup> Santuário Mãe Rainha de Olinda.

<sup>13</sup> Na espiritualidade do Movimento de Schoenstatt, Maria, ao se estabelecer no Santuário, dentre outras, concede três graças especiais aos que ao Santuário se dirigem: a graça do abrigo espiritual, a graça da transformação interior e a graça da fecundidade apostólica.



Segundo o Assessor Nacional do Movimento de Schoenstatt para o THMR, Vandemir Jozoé Meister<sup>14</sup>, os grupos do Terço dos Homens devem ser sustentados sobre quatro pilares:

1) Palavra, que desperta cada vez mais para ouvir o que Deus nos fala por meio de sua palavra do Evangelho, que ouvimos antes de começar a recitação do Terço;

2) Pão, que não permite que o Terço seja uma recitação estéril, mas um diálogo com Maria através de cada Ave-Maria, que abre para as outras dimensões da vida de Fé – especialmente ao encontro com o Senhor vivo, através da Eucaristia;

3) Caridade: Cuidar e zelar para que nossa casa, os grupos do Terço dos Homens, possam ser verdadeiros espaços de acolhida para aqueles que chegam pela primeira vez, mas sem ignorar aqueles que permanentemente estão presentes. Às vezes, somos muito acolhedores com os novos, mas esquecemos daqueles que fazem cotidianamente o caminho conosco. Ao nos aproximar, conheceremos suas verdadeiras necessidades e possibilidades de também nos ajudarem. Quanto mais partilhamos, mais nós ajudamos e assim formamos comunidade; e, finalmente,

4) Missão: primeiramente dentro das famílias, é levar a experiência de CASA, do Terço dos Homens, para dentro de nossas próprias famílias, trabalho e lazer. Outra missão que, como Terço dos Homens, assumimos, em corresponsabilidade com toda a Igreja, é levar os JOVENS para dentro dos nossos grupos do Terço dos Homens.

Assumimos essa missão junto com o Papa Francisco, desde o último Sínodo da Juventude, que nos diz que o jovem não é o futuro, mas o presente da Igreja. Por isso, ele já tem que estar gerando protagonismo dentro desta. Queremos que nossos grupos do Terço dos Homens, entre os cabelos grisalhos, levem o mesmo número de jovens. Esta é uma missão para cada homem do Terço: levar crianças, adolescentes e jovens para os Grupos do Terço, para que, cada vez mais, se tornem espaço de ternura e misericórdia.

Esses pilares estão em consonância com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019 - 2023. Embora o THMR tenha surgido muitos anos após a morte do fundador do Movimento de Schoenstatt, é de se supor que a sua criação tenha em seu cerne o anelo do Pe. Kentenich de ver a renovação do mundo em Cristo, por Maria. Para tal, Cabello (2011) afirma:

---

<sup>14</sup> Entrevista completa disponível em: <https://pt.aleteia.org/2019/06/06/os-4-pilares-do-terco-dos-homens-mae-rainha-mensagem-aos-homens-do-terco/>

Para o Pe, Kentenich os sinais dos tempos mostram com urgência que a Igreja deve empreender uma verdadeira “cruzada” para formar um novo tipo de homem, que no meio das grandes transformações tenha a capacidade de vincular-se com Deus, com os homens, com a natureza, etc. (CABELLO, 2011, p. 10).

No prólogo do livro “Que se faça o novo homem”, no qual estão transcritas dezesseis palestras realizadas pelo Pe. José Kentenich numa jornada pedagógica realizada de 2 a 5 de outubro de 1951, em Schoenstatt, destaca-se:

Seu tema [da jornada] gira em torno das condições ambientais para o desenvolvimento de uma pedagogia religiosa eficaz, não só em vista da criança e do jovem, mas do homem atual em geral, em sua crise e em sua necessidade de fé. Escolheu-se como objeto de um múltiplo esclarecimento as suposições favoráveis para uma experiência de Deus que desperte e abranja toda a personalidade. A intenção pedagógica é clara: ‘O homem novo na nova comunidade’ em sua forma de ser e de vida cristã. O anelo pelo homem novo na nova comunidade cristã e a entrega incansável por sua realização foram, seguramente, os traços mais destacados na obra de vida e na personalidade do Pe. Kentenich como pedagogo e pastor.” (FROMBGEM, apud KENTENICH, 1999, p. 7).

O Movimento de Schoenstatt busca a formação desse homem novo por meio da ação educadora de Maria, através da Aliança de Amor. Todos que selam a aliança devem utilizar um símbolo material que represente esse compromisso: um broche, uma medalha etc. Os homens do THMR, quando selam a Aliança de Amor, utilizam um símbolo muito peculiar, que representa a estreita ligação de Maria a Cristo, que é a cruz da unidade, um dos símbolos mais característicos do Movimento de Schoenstatt.

No símbolo Maria está junto a Jesus crucificado, segurando um cálice no qual recolhe o sangue que escorre de Cristo. “Ela não quer que nenhuma gota deste sangue se perca, mas chegue ao coração de todos os seus filhos e eles sejam redimidos.” (DOTTO e MAINARDI, 2015, p. 28).

No guia Terço dos Homens Mãe Rainha - Orientações gerais e pastorais para o Terço dos Homens, Meister (2019, p. 69) chama a atenção para alguns elementos presentes na cruz da unidade muito significativos para o carisma, missão e objetivo do THMR.

O primeiro aspecto é que a cruz da unidade representa o Cristo dos vínculos: “Jesus está vinculado à Sua mãe, inclusive no mistério da dor, no alto do calvário. Maria sofre ao ver seu filho no sofrimento. O vínculo produz compaixão. Participar da paixão do outro.” (MEISTER, 2019, p. 69). Apesar de todos os recursos disponíveis nos dias atuais que favorecem a comunicação, umas das grandes carências da

contemporaneidade é a ausência de vínculos, levando os homens a uma solidão existencial.

Outro elemento é que a cruz da unidade significa também a cruz da vida: longe de representar a morte, a cruz é um sinal de “entrega amorosa a Deus e de vida nova: a ressurreição! Vida em abundância significa acrescentar a vida espiritual de conversão, libertação de vícios e fraquezas e uma maior energia na vida apostólica” (MEISTER, 2019, p. 70).

Ainda em relação ao significado da cruz da vida, chama a atenção também para outros dois aspectos. Um é o fato de que a cruz da unidade não dissocia o natural do sobrenatural, mas sim expressa “a participação e unidade entre as realidades humanas e divinas” (MEISTER, 2019, p. 69). O outro ponto é em relação ao seu formato oval, sem arestas, que “quer expressar a vida orgânica existente”. (MEISTER, 2019, p. 70). Assim como o ovo, quando bem acondicionado produz vida, da mesma forma a vida espiritual, quando bem cultivada, produzirá mais vida.

Um terceiro elemento que chama atenção na cruz da unidade é a cruz trinitária. Além do vínculo com Maria, na cruz da unidade se verifica o vínculo de Cristo com o Pai e o Espírito Santo. No alto da cruz da unidade percebe-se o símbolo do olho do Pai<sup>15</sup>, que acompanha seu Filho em todos os momentos. E ainda a cor vermelha no fundo da cruz, que significa o sangue de Cristo vertido por nossos pecados e também remete à “presença do Espírito Santo na crucificação de Jesus, força e amor que brota do coração transpassado de Cristo e que transborda de amor para o mundo”. (MEISTER, 2019, p. 70).

Um último aspecto é que a cruz da unidade é também uma cruz mariana: “Junto à cruz de Jesus estava sua Mãe, de pé”. (Jó 19, 25). Ao lado de Cristo na cruz, Maria participa da entrega de Cristo ao Pai, no alto do Calvário. Também naquele momento “Maria participa ativamente da Igreja nascente ao lado de Cristo na cruz. A partir do momento da cruz, ela recolhe o sangue de Cristo no cálice aberto do seu coração imaculado e o oferece ao Pai pela redenção do mundo”. (MEISTER, 2019, p. 71).

Unir-se a Maria por meio da Aliança de Amor é também unir-se ao mistério de Cristo na cruz. Conforme já mencionado em parágrafos anteriores, a vivência da Aliança de Amor conduz a um profundo crescimento da aliança batismal, que nos

---

<sup>15</sup> O olho de Deus Pai representa a Santíssima Trindade

eleva à condição de filhos de Deus. Em um dos versos do Rumo ao Céu (RC) – livro de orações escrito pelo Pe. Kentenich durante sua prisão no campo de concentração de Dachau entre os anos de 1942 e 1945 – encontramos esse desejo dirigido a Deus no oitavo verso:

*Usa-nos segundo a tua vontade,  
Por Schoenstatt se encham novamente  
as amplas naves da santa Igreja  
e teu louvor ressoe junto a teu trono. (RC, 2006, p. 16).*

O THMR – cujo berço é um santuário mariano que tem como ideal ser um Tabor da Nova Evangelização<sup>16</sup> – é uma expressão concreta dessa nova evangelização, cujo conceito será tratado no capítulo a seguir.

---

<sup>16</sup> Cada Santuário de Schoenstatt tem um ideal e missão que nascem do momento histórico da sua fundação, integrado com a realidade local e vinculado ao Ideal Nacional, que no caso do Brasil é o Ideal Tabor, ideal esse definido pelo próprio Pe. Kentenich em 1947, durante sua visita ao país. O santuário de Olinda, cujo ideal é Tabor da Nova Evangelização, foi inaugurado em 1992, no contexto das comemorações dos 500 anos de evangelização das Américas.

### 3. A DEVOÇÃO MARIANA E A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma análise teológica da devoção mariana como elemento chave na perspectiva da nova evangelização. Essa devoção expressa na recitação do Rosário, como uma manifestação da piedade popular, contribui profundamente nesse processo.

Para alcançar o objetivo acima proposto pensamos que seja oportuno apresentar o conceito de piedade popular, que muitas vezes é tomada como sinônimo de religiosidade popular, e da nova evangelização, que nos permitirão perceber esse aspecto teológico de forma mais clara.

Na carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, n. 3, São João Paulo II afirma que “o Rosário, quando descoberto no seu pleno significado, conduz à essência da vida cristã, oferecendo uma ordinária e fecunda oportunidade espiritual e pedagógica para a contemplação pessoal, a formação do povo de Deus e a nova evangelização.”

#### 3.1 A NOVA EVANGELIZAÇÃO

A partir do mandato dado por Jesus Cristo aos apóstolos, por ocasião de sua ascensão, “Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15), a Igreja tem como missão o anúncio da boa nova, a fim de levar à salvação as almas. Tema tão crucial ao cumprimento da missão da Igreja, dentre as quinze assembleias gerais ordinárias do Sínodo dos Bispos<sup>17</sup> realizadas até agora, a evangelização foi o tema central de quatro<sup>18</sup>. A 3ª Assembleia Geral Ordinária foi realizada em 1974, no papado de Paulo VI, tendo como tema ‘A evangelização no mundo moderno’.

A 7ª Assembleia Geral Ordinária foi realizada em 1987, durante o papado de João Paulo II, e teve como tema ‘A vocação e a missão dos leigos na Igreja e no

---

<sup>17</sup> O Código de Direito Canônico, no cânon 342, apresenta a seguinte definição: é a assembleia dos Bispos que, escolhidos das diversas regiões do mundo, reúnem-se em determinados tempos para promover a estreita união entre o Romano Pontífice e os Bispos, para auxiliar com seu conselho ao Romano Pontífice, na preservação e crescimento da fé e dos costumes, na observância e consolidação da disciplina eclesiástica, e ainda para examinar questões que se referem à ação da Igreja no mundo. De acordo com o cânon 345, o Sínodo dos Bispos pode reunir-se em assembleia geral, na qual são tratadas questões que se referem diretamente ao bem da Igreja universal; essa assembleia é ordinária ou extraordinária; pode reunir-se também em assembleia especial, na qual são tratadas questões que se referem a uma ou mais regiões determinadas. O Sínodo dos Bispos foi instituído de forma permanente na Igreja pelo Papa Paulo VI, em 1965, por meio do *Motu Proprio Apostolica Sollicitudo*. Em 15 de setembro de 2018 o Papa Francisco publicou a Constituição apostólica *Episcopalis Communio*, que regulamenta o formato atual do Sínodo dos Bispos.

<sup>18</sup> Não significa dizer que nas outras assembleias o assunto não foi tratado, visto que se trata matéria precípua ao cumprimento da missão da Igreja. Essas quatro foram aqui destacadas por devido sua ligação direta com o capítulo.

mundo'. A 12ª Assembleia Geral Ordinária foi realizada em 2008, no papado de Bento XVI e teve como tema 'A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja'. A 13ª Assembleia Geral Ordinária foi realizada em 2012, também no papado de Bento XVI, e teve como tema 'A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã'. A partir de cada assembleia geral ordinária foi publicada uma exortação apostólica relativa ao tema.

Desde o *aggiornamento* proposto pelo Papa João XXIII no Concílio Vaticano II, passando pela *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, a *Christifideles Laici*, de João Paulo II, a *Verbum Domini*, de Bento XVI, até a *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, a Igreja, por meio das exortações apostólicas pós-sinodais citadas, busca renovar o anúncio do evangelho, de forma a repropor a fé diante das mudanças pelas quais o mundo continuamente passa.

A essa renovação no anúncio da boa nova João Paulo II chamou de nova evangelização, tendo empregado esse termo pela primeira vez em 1979, durante sua viagem apostólica à Polônia.

Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), de 1975, o então Papa Paulo VI afirma em sua introdução que, por ocasião da Terceira Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, que teve como tema a evangelização do mundo moderno, foi demandado ao papa "um impulso novo, capaz de suscitar, numa Igreja ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes, tempos novos de evangelização" (EN, 2).

João Paulo II, na introdução da exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* (CL), após traçar o panorama de uma realidade gravemente afetada pelo secularismo, aponta para a exigência da nova evangelização: "repetidas vezes eu mesmo recordei o fenômeno da descristianização que atinge os povos cristãos de velha data e que exige, sem mais delongas, uma nova evangelização." (CL, 8).

Nesse mesmo sentido, no decorrer da exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja - *Verbum Domini* (VD), Bento XVI apresenta duas constatações: uma é que em pleno alvorecer do terceiro milênio muitos povos ainda desconhecem o Evangelho e que este precisa ser de novo anunciado para muitos cristãos, de forma que tenham uma experiência concreta com sua força; e a outra consiste no fato de que "é frequente ver nações, outrora ricas de

fé e de vocações, que vão perdendo a própria identidade, sob a influência de uma cultura secularizada”. (VD, 96).

Isso é claramente notado em países do continente europeu, que antes enviavam missionários para as terras além-mar e hoje veem algumas de suas ordens fechando as portas por falta de vocações, tendo inclusive que recorrer aos religiosos vindos de outras nações.

A exigência de uma nova evangelização, tão sentida pelo meu venerado Predecessor<sup>19</sup>, deve-se reafirmar sem medo, na certeza da eficácia da Palavra divina. A Igreja, segura da fidelidade do seu Senhor, não se cansa de anunciar a boa nova do Evangelho e convida todos os cristãos a redescobrirem o fascínio de seguir Cristo. (VD, 96).

Por ocasião do encerramento dos trabalhos do Sínodo Especial dos Bispos para o Oriente Médio<sup>20</sup>, realizado em outubro de 2010, além de destacar temas centrais que estiveram presentes naquela assembleia, relativos à unidade da Igreja, à paz e à liberdade religiosa, Bento XVI apontou que durante os trabalhos com frequência foi referida a “necessidade de repropor o Evangelho às pessoas que o conhecem pouco, ou que até se afastaram da Igreja”.

Ressaltando que uma demanda importante também naquela região é a nova evangelização, que é uma necessidade premente em vários países, principalmente nas nações de antiga cristianização. A criação do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização foi uma resposta a essa demanda.

A partir dessa realidade, o então pontífice, depois de consultar todos os episcopados e também o Conselho Ordinário da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, decidiu dedicar como tema da XIII Assembleia Geral Ordinária a *Novus evangelizatio ad christianam fidem tradendam* – A nova evangelização para a transmissão da fé Cristã. No segundo capítulo da *Instrumentum Laboris* da XIII Assembleia Geral Ordinária, realizada em outubro de 2012, encontramos uma síntese das respostas aos questionamentos dos *Lineamenta*<sup>21</sup>, relativos à nova evangelização, que deixou evidenciado a importância da Igreja discernir sobre a missão de anunciar o Evangelho que lhe foi confiada por Jesus Cristo frente às

---

<sup>19</sup> Todas as assembleias sinodais continentais relativas à preparação para o Jubileu do ano 2000, período do papado de João Paulo II, trataram da nova evangelização, conforme nota da Instrumento Laboris da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

<sup>20</sup> Sínodo Especial dos Bispos para o Oriente. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20091208\\_lineamenta-mo\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20091208_lineamenta-mo_po.html). Acesso em: 19 de junho de 2020.

<sup>21</sup> Os *lineamenta* corresponde ao documento lançado como preparação de uma assembleia sinodal e que tem por objetivo fomentar uma reflexão no âmbito da Igreja universal sobre o tema do sínodo.

mudanças socioculturais pelas quais a humanidade vem passando e que tem influenciado no relacionamento do homem consigo mesmo e com o divino.

O item 45 do citado *Instrumentum Laboris* da XIII Assembleia Geral Ordinária faz referência a duas falas de São João Paulo II relativas à necessidade da nova evangelização. Na primeira, um discurso dirigido aos bispos da América Latina, por ocasião da XIX Assembleia Geral do CELAM, em março de 1983, o então Papa suscita a Igreja da América Latina a um empenho rumo à comemoração dos quinhentos anos de evangelização, a fim de que essa celebração seja plena salienta:

A comemoração do meio milênio de evangelização terá todo o seu sentido se for o vosso empenho de Bispos, juntamente com o vosso Presbitério e os vossos fiéis; certamente não um compromisso de ré evangelização, mas de uma nova evangelização. Nova em seu ardor, em seus métodos e em suas expressões (JOÃO PAULO II, 1983).

Nesse mesmo discurso João Paulo II apresenta e recomenda aos bispos três pontos que considera como pré-requisitos essenciais para a nova evangelização: uma boa preparação dos sacerdotes nos aspectos espiritual, doutrinal e pastoral; a formação crescente de leigos; e, por último, utilizar como guia para a nova evangelização o documento de Puebla. Afirma que é “necessário difundir e eventualmente recuperar a integridade da mensagem de Puebla, sem distorções de interpretações, sem distorcer reducionismos ou aplicações indevidas de algumas partes e omissões de outras” (JOÃO PAULO II, 1983).

A outra fala de João Paulo II relativa à nova evangelização a que o item 45 do *Instrumentum Laboris* da XIII Assembleia Geral Ordinária faz referência é o apelo dirigido aos bispos da Europa, na exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa*, de 2003<sup>22</sup>.

Nela, faz um resgate dos resultados da Assembleia Sinodal realizada em 1991 - que evidenciou a necessidade e a urgência da nova evangelização, “cientes de que a Europa, hoje, não deve simplesmente fazer apelo à sua precedente herança cristã: é preciso, de fato, que seja posta em condições de decidir novamente do seu futuro no encontro com a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo” - e pelo qual reafirma a importância do envolvimento dos sacerdotes, presbíteros, consagrados e leigos no processo da nova evangelização e, em alguns casos, de uma primeira evangelização.

---

<sup>22</sup> XIII Assembleia Geral Ordinária. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_20030628\\_ecclesia-in-europa.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html). Acesso em 20 de junho de 2020.



A nova evangelização é um convite para a Igreja repropor a fé com sabedoria e ousadia, dialogando com a contemporaneidade, saindo da trincheira e da atitude de fechamento e autopreservação. Requer da Igreja coragem de redesenhar sua vocação espiritual e missionária, levando em conta a influência que as mudanças socioculturais exercem sobre as comunidades cristãs e ao mesmo tempo retroalimentar-se com a presença do ressuscitado a partir de dentro delas, deixando-se guiar pelo seu Espírito, a fim de que “voltem a experimentar de modo renovado o dom da comunhão com o Pai que vivem em Jesus, e voltem a oferecer aos homens esta sua experiência como o dom mais precioso que possuem”.

Ainda recorrendo ao *Instrumentum Laboris* da XIII Assembleia Geral Ordinária, a partir das respostas ao questionamento dos *lineamenta*, vindas de todas as partes do mundo, o item 47 define a nova evangelização como “a capacidade da Igreja em viver de modo renovado a própria experiência comunitária de fé e de anúncio num contexto de novas situações culturais que despontaram nestes últimos decênios”.

A situação é a mesma tanto nos países de milenar tradição cristã como nos países evangelizados há poucos séculos: as mudanças advindas com o fenômeno da globalização provocaram ao “enfraquecimento das tradições e instituições”. As consequências das transformações trazidas pela globalização desfizeram laços sociais e culturais, comprometendo sua transmissão e a sua capacidade de atender as demandas relativas à busca de sentido e da verdade, resultando numa evidente “perda de unidade da cultura e da sua capacidade de aderir à fé e de viver com os valores por ela inspirados”.

Essas perdas se manifestaram nas comunidades cristãs na forma de esmorecimento da vida de fé e na diminuição do reconhecimento da autoridade magisterial, além da “privatização da pertença à Igreja, diminuição da prática religiosa, desempenho na transmissão da própria fé às novas gerações”.

Esses sinais deixaram evidente a urgente necessidade de uma fé inculturada, olhando para essas transformações com seriedade e coragem, a fim de resgatar a missionariedade na pós-modernidade. Além disso, a necessidade da Igreja, na sua caminhada sinodal, foi demonstrar um olhar em atendimento às novas realidades, frente à pluralidade e ao fenômeno da secularização e às diversas realidades eclesiais.

Nesse sentido, a nova evangelização se apresenta como um autoquestionamento da Igreja, para que “concentre as próprias energias espirituais e

se empenhe neste novo ambiente cultural para ser propositiva: reconhecendo também o bem que existe dentro destes novos cenários, dando nova vitalidade à própria fé e ao seu empenho evangelizador”, conforme o já citado *Instrumentum Laboris* da XIII Assembleia Geral Ordinária. O termo nova diz respeito à mudança do contexto cultural e refere-se à necessidade de a Igreja revigorar sua maneira de viver a fé e transmiti-la.

A maturidade requerida atualmente é por demais exigente para a Igreja analisar o que de fato deve acolher e inculturar com desvelo para o bem do povo Deus. É oportuno lembrar, no Areópago de Atenas, o agir do apóstolo Paulo, que com perspicácia e respeito se utilizou da cultura e saberes daquele povo para propor-lhes a fé cristã, não subestimando a tradição daquele povo, mas, trazendo para o contexto da nova evangelização, adotando uma postura integradora.

Nesse sentido, o item 50 do *Instrumentum Laboris* da XIII Assembleia Geral Ordinária, referindo-se às comunidades cristãs formadas por grupos religiosos e de movimentos, muitos de instituições teológicas e culturais, afirma que eles são a presença de formas de renovoamento, “sinal de esperança e dom do Espírito Santo”.

O documento destaca o reconhecimento e atenção dispensados pelas Igrejas particulares para essas experiências - normalmente animadas por jovens movidos pelo frescor e entusiasmo que lhes são próprios - afirmando que elas [as Igrejas particulares] “estão prontas a reconhecer o seu dom, incentivando para que este se torne também patrimônio do restante povo cristão”, atentas ao crescimento dessas experiências que têm como destaque a sua novidade, e aos seus limites.

O *Instrumentum Laboris* da XIII Assembleia Geral Ordinária, com toda essa reflexão acerca da nova evangelização, funcionou como agenda para nortear os trabalhos da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que ocorreu de 07 a 28 de outubro de 2022. A partir dessa assembleia a exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium* – A Alegria do Evangelho, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, foi publicada pelo Papa Francisco em novembro de 2013, primeiro ano do seu papado.

Nela, no item 14, o pontífice, fazendo referência à XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, lembra que a nova evangelização interpela a todos e que se realiza fundamentalmente em três âmbitos: o da pastoral ordinária, o das pessoas batizadas, mas que não vivem as exigências do batismo e o do anúncio do Evangelho para os que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o recusaram.

O primeiro âmbito refere-se fundamentalmente aos fiéis que participam da comunidade e se reúnem para participar das missas dominicais para se alimentarem da Palavra e da Eucaristia. Mas também, lembra o Papa Francisco, devem ser abrangidos nessa esfera “os fiéis que conservam uma fé católica intensa e sincera, exprimindo-a de diversos modos, embora não participem frequentemente no culto”. O intuito é promover o engrandecimento dos fiéis como crentes, a fim de que correspondam como filhos ao amor do Pai. (EV, 14).

O segundo campo diz respeito às pessoas que receberam o sacramento do batismo, mas que não vivem suas exigências, não cultivando o sentido de pertencimento a Cristo nem à fé católica, não se comprometendo com sua missão. “Mãe sempre solícita, a Igreja esforça-se para que elas vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho.” (EG, 14).

O terceiro âmbito refere-se à missão *ad gentes* da Igreja: a evangelização está substancialmente ligada à proclamação da Boa Nova aos que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram. Intimamente muitas dessas pessoas procuram a Deus, atraídas pela nostalgia do seu rosto, inclusive em países de antiga tradição cristã.

O Papa Francisco, com sabedoria, lembra que todos têm o direito conhecer o Evangelho e que “os cristãos têm o dever de anunciá-lo, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível”. Concluindo esse aspecto afirma que “a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração”. (EG, 14).

A nova evangelização deve ser assumida não só pelos ministros consagrados, mas por todo o povo de Deus. Temos que nos reinventar na transmissão da fé, diante de um mundo globalizado que vê com desconfiança as instituições, que não leva mais em conta o discurso ou opinião da Igreja, que não fala mais aos corações dos homens. Nos influxos da nova evangelização devemos ter coragem de ouvir e aperfeiçoar nossas relações na vida e na prática do amor.

E Maria, aquela que trouxe o amor ao mundo, tem papel fundamental nesse processo. Sempre de algum modo referida nas exortações apostólicas aqui mencionadas, a Estrela da Nova Evangelização tem uma relação indivisível com a Palavra de Deus. E essa importância observamos nas práticas de piedade popular, cujos aspectos veremos a seguir.

### 3.2 PIEDADE POPULAR

Na já citada homilia em *La Serena* sobre a passagem de Lc 11,27, João Paulo II, a respeito da mulher que interpela Jesus, afirma que “em suas palavras reconhecemos uma amostra genuína de religiosidade popular, sempre viva entre os cristãos ao longo da história”.

Na exortação apostólica *Marialis Cultus*, Paulo VI faz um resgate da importância da devoção à Virgem Maria, refletindo sobre a necessidade de renovação dessa devoção por meio do Santo Rosário, que já foi chamado de “o compêndio de todo o Evangelho” (MC, 42). Conclui a exortação ressaltando o valor teológico do culto à Santíssima Virgem e sua eficácia pastoral para a renovação dos costumes cristãos (MC, 56). “A piedade para com a Mãe do Senhor torna-se, pois, para o fiel, ocasião de crescimento na graça divina, que é, de resto, a finalidade última de toda e qualquer atividade pastoral” (MC, 57).

Paulo VI ressalta que a Igreja sempre ensinou que Cristo é o modelo supremo ao qual o cristão deve procurar conformar sua vida, e “nada, na atividade pastoral, deve ensombrar jamais essa doutrina” (MC, 57). Mas a Igreja, guiada pelo Espírito Santo e baseada na sua experiência milenar, também admite a importância pastoral da devoção à Maria e “reconhece que também a piedade para com a bem-aventurada Virgem Maria, subordinadamente à piedade para com o divino Salvador e em conexão com ela, tem uma grande eficácia pastoral e constitui uma força renovadora dos costumes cristãos” (MC, 57).

Ao mesmo tempo em que essa expressão da piedade popular muitas vezes atua onde a devida atenção pastoral não chega, também é um lampejo que clareia ambientes obscurecidos pela secularização. O novo Diretório para a Catequese (DCat), publicado em 23 de março de 2020 pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, no seu número 338, a respeito da piedade popular, no qual a devoção ao Rosário está inserida, destaca que a piedade popular exalta os mistérios da vida de Cristo, principalmente sua paixão, e enaltece com afeto a Maria, os mártires e os santos, bem como rezam pelos falecidos.

Ela [a piedade popular] é expressa “por meio da veneração das relíquias, as visitas aos santuários, as peregrinações, as procissões, a via-sacra, as danças religiosas, o Rosário, as medalhas e os outros exercícios individuais, familiares e comunitários de piedade” (DCat, 338).

Fazendo referência ao Documento de Aparecida, o diretório lembra que a piedade popular, “no ambiente de secularização que vivem os nossos povos, continua sendo uma poderosa confissão do Deus vivo que atua na história e um canal de transmissão da fé” (DAp, n. 264).

Para uma sociedade que está perdendo sua referência em Deus, conforme visto no tópico anterior que tratou da nova evangelização, a piedade popular muitas vezes constitui um repositório da fé e da esperança. Reportando-se à *Evangelii Gaudium*, o Diretório lembra que, nesse sentido, a piedade popular “verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus [...] cujo protagonista é o Espírito Santo” (EG, n. 122), é “um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (EG, n. 126).

Como vimos, o Santuário de Olinda, berço do Terço dos Homens, tem como missão ser Tabor da Nova Evangelização. À luz do Documento de Aparecida, identificamos esse Santuário como lugar de encontro com Cristo, onde encontramos a piedade popular exercida por meio da recitação do terço, das peregrinações e da presença de Maria.

Souza (2019, p. 57-58) realiza uma breve análise da piedade popular à luz das conferências do CELAM, tomando como base os pensamentos do Papa Francisco, cuja compreensão encontra-se alicerçada na teologia latino-americana, sendo a piedade popular um dos seus carros chefes, isto é, uma de suas fontes.

Inicialmente recordando a perspectiva de *Medellín* de 1968 e a pastoral de massa, e tomando a religiosidade popular, recorda que não podemos prescindir seu julgamento a partir de uma interpretação cultural ocidentalizada das classes médias e alta urbana, e sim da significação que essa religiosidade apresenta no contexto da subcultura dos grupos rurais e urbanos marginalizados (Med 6, I). O Papa Francisco (2013) assim descreve a piedade popular na perspectiva de uma determinada cultura:

Na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se. Vista por vezes com desconfiança, a piedade popular foi objeto de revalorização nas décadas posteriores ao Concílio. Quem deu um impulso decisivo nesta direção, foi Paulo VI na sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Nela explica que a piedade popular «traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar e torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé. Já mais perto dos nossos dias, Bento XVI, na América Latina, assinalou que se trata de um precioso tesouro da Igreja Católica e que nela aparece a alma dos povos latino-americanos. (EG, 123).

Vemos ainda em *Medellin* certo olhar desconfiado, porém já deixara transparecer certa valorização quando sinaliza que a piedade popular pode ser balbucios de uma autêntica e genuína religiosidade expressa em elementos culturais de que dispõem (Med 6, 4). Souza (2019) recupera também que da mesma forma que a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, a Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* seguiu mesmo itinerário valorizando a piedade popular, rompendo com preconceitos (EN 48). (SOUZA, 2019, p. 60).

A força evangelizadora da piedade popular é grandemente enaltecida pelo Papa Francisco, que também enfatiza a ação fortalecedora e provedora do Espírito Santo (EG 122). Souza (2019) lembra ainda que o reconhecimento e respeito de Bergoglio pela cultura e piedade latino-americana antecedem seu pontificado.

Esse reconhecimento e respeito pela cultura e piedade latino-americana já estava presente em Bergoglio, quando fazia uma hermenêutica da cultura, estando próximo daqueles que “foram encorajados a pensar a América a partir da América e como latino-americanos”. O então arcebispo de Buenos Aires “sempre expressou sua pertença eclesial, cultural e política à América Latina”. O n.6 de Medellín, Pastoral das Massas, é dedicado inteiramente ao tema da religiosidade popular (SOUZA, 2019, p. 60-61).

Vislumbrando ainda o contexto de Puebla, quando leva em conta a temática da piedade popular e seu potencial evangelizador, sendo esta uma das afirmações fundamentais da conferência, considera que a religião do povo latino-americano é a completa manifestação do catolicismo popular (DP 444). Que deve ser inclusive assumida e incorporada na liturgia da Igreja (DP 469, 457, 506).

O Papa Francisco foi bispo de uma megalópole. Ali já se percebia o deslocamento familiar do meio rural para o urbano, acontecendo aí uma nova configuração social. Em Puebla se afirma que a religiosidade popular enfrenta grandes desafios (DP 460). Fazia-se necessário reinventar sua prática religiosa (DP 466), e ressurgiu a piedade popular. Não obstante os desafios, a piedade popular é de raiz católica (DP 7, 331, 1099, 1100), é força de auto evangelização (DP 450, EG 122) e de autolibertação (DP 452, 935, 937, 962) (SOUZA, 2019, p. 63-64).

Nesse contexto, faz menção à potencialidade na condução ao amor de Deus e dos homens exercida na piedade popular retratada em Puebla, e na tomada de responsabilidade para com seu próprio destino, sustentando ainda que seja a palavra de Deus o autêntico sustentáculo da piedade popular, que ajuda no aprofundamento da fé do povo (DP 35). Ademais também assume a denúncia profética e a comunhão com os pobres (DP 1138).

O arcabouço produzido em Medellín e Puebla levou Bergoglio cada vez mais a se enfronhar no mundo dos empobrecidos. O processo de reforma da Igreja

está intimamente ligado com a opção pelos pobres. E essa realidade teológica o jesuíta argentino leva para o interior de seu exercício como bispo de Roma. Afirma que “o coração de Deus tem um lugar preferencial para os pobres, tanto que até ele tornou-se pobre.” (2Cor 8, 9). (EG 197). Francisco sonha e promove uma Igreja pobre e para os pobres (EG 198) (SOUZA, 2019, p. 64).

A expressão da fé católica no contexto de Santo Domingo (1992), IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, traz uma consciência a respeito das culturas ameríndias e afro e a religiosidade popular como espaço de evangelização pelo processo de inculturação. Valorizando a religiosidade popular (SD 20, 24, 30, 172, 248).

Se deverá uma especial atenção à valorização da piedade popular, que encontra sua expressão especialmente na devoção à Santíssima Virgem, às peregrinações aos santuários e às festas religiosas iluminadas pela Palavra de Deus. (SD53).

(Há) uma carga imensa de esperança numa vela que se acende, numa casa humilde para pedir ajuda a Maria, ou nos olhos de profundo amor a Cristo crucificado. Quem ama o povo fiel de Deus, não pode ver estas ações unicamente como uma busca natural da divindade... é uma vida teológica. (EG 125). (SOUZA, 2019, p. 65).

Souza (2019) ao mencionar o Documento de Aparecida, a valorização oficial da piedade popular – V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – refere a piedade popular oficialmente quanto sua vital importância na campanha da evangelização.

A piedade popular é “imprescindível ponto de partida para conseguir que a fé do povo amadureça e se faça mais fecunda” (Dap 262; Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia, n.64). Não podemos desvalorizar a espiritualidade popular ou considerá-la como modo secundário da vida cristã [...] A piedade popular contém e expressa um intenso sentido de transcendência [...] (Dap 263). A piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé (Dap 264).

No Documento de Aparecida, descrevem-se as riquezas que o Espírito Santo explicita na piedade popular por sua iniciativa gratuita (EG 124) (SOUZA, 2019, p. 66).

O Papa Francisco demonstra a piedade popular como um lugar de encontro com Jesus, convidando a promoção e proteção deste grande valioso tesouro dos povos da América Latina (cf. DAp 446, 447; EG 123-124). Souza (2019, p. 67) relembra ainda que “os fiéis têm uma sede de Deus que somente os pobres e simples podem conhecer” (cf. DAp 258).

A piedade popular, de uma forma simples e encarnada na alma do empobrecido, foi representando o grito do povo oprimido e ganhando valorosa expressividade na missão da eclesialidade atual à luz do evangelho.

### 3.3 ASPECTOS TEOLÓGICOS DO TERÇO

Na exortação apostólica *Marialis Cultus*, Paulo VI destaca os aspectos do Rosário que demonstram seu valor teológico: uma oração de caráter evangélico, de orientação profundamente cristológica. No tocante ao aspecto evangélico, Staid (1995, p. 1140) aponta que:

Do evangelho se tomam tanto as orações quanto a formulação dos mistérios: o Pai Nosso, oração ensinada por Jesus; a Ave-Maria, que combina a saudação do anjo com o elogio de Isabel; o glória, que é a evolução da fórmula trinitária pronunciada por Jesus quando enviou os discípulos ao mundo (Mt 28, 19); o conteúdo dos mistérios, que em síntese nos apresenta as etapas fundamentais do mistério de Cristo, encarnação, paixão, glória e ressurreição. A encarnação, a paixão e a glória de Cristo são exatamente os três elementos que S. Paulo desenvolve na Epístola aos Filipenses (Fl 5, 1). Vistos e sentidos com Maria e através dela, eles se transformam nos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos e compõem a fisionomia inconfundível do rosário, ajudando o fiel a conservar e promover a fé (STOID, 1995, p. 1140).

No ano de 2002, por ocasião do início do 25º ano do seu pontificado, João Paulo II, por meio da carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (RVM), proclamou o ano do Rosário de outubro de 2002 até outubro de 2003 e, nesse documento, inseriu os mistérios da luz ou luminosos.

Para que o Rosário possa considerar-se mais plenamente “compêndio do Evangelho”, é conveniente que, depois de recordar a encarnação e a vida oculta de Cristo (mistérios da alegria), e antes de se deter nos sofrimentos da Paixão (mistérios da dor), e no triunfo da ressurreição (mistérios da glória), a meditação se concentre também sobre alguns momentos particularmente significativos da vida pública (mistérios da luz). Essa inserção de novos mistérios, sem prejudicar nenhum aspecto essencial do esquema tradicional desta oração, visa fazê-la viver com renovado interesse na espiritualidade cristã, como verdadeira introdução na profundidade do Coração de Cristo, abismo de alegria e de luz, de dor e de glória (RVM,19).

Com efeito, a inclusão dos mistérios da luz arremata o título de compêndio do Evangelho atribuído ao Rosário. De fato, dos agora vinte mistérios que são contemplados no Rosário, dezessete – os cinco gozosos, cinco luminosos, cinco dolorosos e o primeiro e segundo gloriosos – encontram-se fundamentados em passagens do Evangelho. O terceiro mistério glorioso fundamenta-se nos Atos dos Apóstolos. Em relação ao quarto e quintos mistérios gloriosos, Staid (1995, p. 1140) nos aponta:

Não são documentados pela Escritura, embora nela encontrem inspiração: a assunção de Maria e a representação da subida ao céu não só dela, mas de todos os remidos que, desde a vida terrena, para lá se elevam com a esperança e a oração; a glorificação de Maria e dos santos, mistério central de toda a revelação, porque tarefa primordial da pregação de Cristo. Aí se fala de glória no reino para todos os que escutaram e puseram em prática o ensinamento do Senhor. Maria, como no cenáculo, está no centro da Igreja triunfante (STOID, 1995, p. 1140).



Nesse mesmo sentido, também em relação ao quarto e quintos mistérios gloriosos, destaca-se que os mesmos são inspirados na palavra da Sagrada escritura interpretada à luz da fé e da reflexão teológica apoiada nos dados da revelação que alimentam nossa fé cristã, como descreve Boff (2019a):

A contemplação de todos estes mistérios, pela sua natureza, conduz a uma reflexão que nos move à prática do bem e nos estimula a novas normas de vida cristã e ética. A proclamação da Palavra de Deus constitui o primeiro elemento teológico-espiritual do Santo Rosário (BOFF, 2019a, p. 125).

No item 23 da *Rosarium Virginis Mariae*, referente aos mistérios gloriosos, João Paulo II destaca que o Rosário sempre manifestou a certeza da fé, levando o recitante a ultrapassar as trevas da paixão e fixar seu olhar na glória de Cristo, na sua ressurreição e ascensão.

Contemplando o Ressuscitado, o cristão descobre novamente as razões da própria fé (cf. 1Cor 15, 14) e revive não só a alegria daqueles a quem Cristo se manifestou – os Apóstolos, a Madalena, os discípulos de Emaús –, mas também a alegria de Maria, que deverá ter tido uma experiência não menos intensa da nova existência do Filho glorificado. A essa glória, em que com a Ascensão Cristo se senta à direita do Pai, ela mesma será elevada com a Assunção, chegando, por especialíssimo privilégio, a antecipar o destino reservado a todos os justos com a ressurreição da carne. Enfim, coroada de glória – como aparece no último mistério glorioso – ela resplandece como Rainha dos Anjos e dos Santos, antecipação e ponto culminante da condição escatológica da Igreja. (RVM, 23).

Em 1Cor 15, 20-28, S. Paulo faz uma descrição do que será o momento da parusia, no qual podemos fundamentar a assunção de Maria:

Mas, de fato, Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, primícias dos que adormeceram, visto que por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também em Cristo todos serão vivificados. Cada um, porém, em sua própria ordem: as primícias, Cristo; depois os que são de Cristo, em sua vinda. Em seguida, o fim, quando entregará o reino ao Deus e Pai, depois de ter destruído todo principado, toda autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que ponha todos os inimigos sob seus pés. O último inimigo que há de ser destruído é a morte, porque ele tudo subordinou debaixo de seus pés; mas, quando diz: “Tudo lhe foi subordinado”, é evidente que exclui aquele que lhe subordinou. Pois quando tudo lhe for subordinado, então, o próprio Filho será subordinado àquele que tudo lhe subordinou, para que Deus seja tudo em todos. (1Cor 15, 20-28).

Também encontramos como fundamentação dos mistérios quarto e quinto, gloriosos Ap. 12,1, baseado na interpretação de que a mulher do Apocalipse, secundariamente, pode ser aplicada a Maria, que deu à luz ao messias e representando o povo de Deus, conforme Murad (2012, p. 108). Assim, temos as seguintes passagens bíblicas que fundamentam o Rosário:

#### Mistérios gozosos:

- Anunciação do Anjo a Maria – Lc 1, 26-38.
- Visitação de Maria a Santa Isabel – Lc 1, 39-56.
- Nascimento do Menino Jesus – Lc 2, 6-20.
- Apresentação de Jesus no Templo – Lc 2, 22-39.
- Perda e encontro de Jesus no Templo – Lc 2, 41-51.

#### Mistérios luminosos:

- Batismo de Jesus – Mt 3, 11-17.
- Milagre de Jesus nas bodas de Caná – Jo 2, 1-12.
- Anúncio do Reino de Deus com um convite à conversão – Mc 1, 14-15.
- Transfiguração do Senhor – Mt 17, 1-8.
- Instituição da Eucaristia – Mt 26, 26-28.

#### Mistérios dolorosos:

- Agonia de Jesus no Getsêmani – Mt 26, 36-46.
- Flagelação de Cristo – Mt 27, 26.
- Coroação de espinhos – Mt 27, 29-30.
- A subida ao Calvário – Lc 23, 26-32.
- A crucificação – Lc 23, 33-46.

#### Mistérios gloriosos:

- A Ressurreição de Jesus – Mt 28, 1-10.
- A Ascensão do Senhor – Mc 16 19-20.
- A vinda do Espírito Santo – At 2, 1-41.
- A Assunção de Maria – Ap 12, 1.
- A coroação de Maria como Rainha dos anjos e dos santos – Ap 12, 1.

Em relação ao aspecto cristológico do Rosário, a exaltação dedicada a Maria tem a sua essência em Jesus. Trata-se de um perfeito louvor a Cristo por Maria, à luz do mistério da encarnação, da *via crucis* e glorificação, em comunhão com sua Mãe e nossa Mãe. Staid (1995) assim menciona:

A Ave Maria é um louvor incessante a Cristo, e Cristo continua sendo o objeto central do rosário, porque nos mistérios gozosos é contemplado na sua vida oculta, nos dolorosos na sua paixão e morte, e nos gloriosos na sua exaltação compartilhada com sua mãe e sua igreja. (STAID, 1995, p. 1140).<sup>23</sup>

Na carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, João Paulo II nos convida a contemplar Cristo com Maria, por meio da recitação do Rosário, visto que, a partir da experiência de Maria, é uma oração sobre modo contemplativa. O eminente teólogo Garrigou-Lagrange (2017, p.246) destacou a importância oração contemplativa do Rosário:

De uma maneira mais simples ainda, e mais elevada, convém recitar o rosário contemplando, com os olhos da fé, “Jesus sempre vivo, que não cessa de interceder por nós”, e que influi sempre em nós, seja sob a forma de sua vida na infância, sua vida dolorosa ou sua vida gloriosa. Ele vem presentemente a nós para nos assimilar a ele. Detenhamos o olhar de nosso espírito sobre o olhar de Nosso Senhor que fixa em nós. Seu olhar não é somente cheio de inteligência e de bondade, mas é o próprio olhar de Deus, que purifica, pacifica, santifica. É o olhar de nosso juiz, mas, mais ainda, de nosso Salvador, de nosso melhor amigo, do verdadeiro esposo de nossa alma. O rosário, assim recitado na solidão e no silêncio, transforma-se em uma conversa das mais frutuosas com Jesus, sempre vivo para nos vivificar e nos atrair a ele. É também uma conversação com Maria, que nos conduz à intimidade de seu Filho (GARRIGOU-LANGRANGE, 2017, p.246).

João XXIII afirma que a essência do Rosário, se bem meditado, constitui-se de “tríplice elemento que dá unidade e coesão à expressão vocal, descobrindo em sucessão vivaz os episódios que associam a vida de Jesus e de Maria, com referência às várias condições das almas orantes e às inspirações da Igreja universal” (JOÃO XXIII, 2015, p. 36). O fundamento do Rosário, por meio da meditação de cada mistério, tem a tríplice capacidade de realizar, ao mesmo tempo, contemplação mística, reflexão íntima e intenção piedosa. Em relação à contemplação, o ‘bom papa’ declara que:

Contemplando, a pessoa se encontra numa comunicação íntima de pensamento e sentimento com a doutrina e com a vida de Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria, vivido na terra para remir, instruir e santificar: no silêncio da vida oculta, feita de oração e trabalho, nas dores de sua bem-aventurada paixão, no triunfo de sua ressurreição, e também na glória dos céus, onde está sentado à direita do Pai, sempre em ato de assistir e vivificar, com o Espírito Santo, a Igreja por ele fundada e que progride no caminho dele através dos séculos (JOÃO XXIII, 2015, p. 37).

Na exortação apostólica *Marialis Cultus*, Paulo VI classifica a contemplação como elemento essencial para a recitação do Rosário, sem a qual o mesmo é um

---

<sup>23</sup> Visto que o ano da publicação da obra é anterior à carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, acrescentem-se a contemplação da vida pública de Jesus nos mistérios luminosos.

corpo sem alma, cuja recitação corre o risco de se transformar numa repetição mecânica de fórmulas e contradizer a advertência de Jesus: “nas vossas orações, não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que serão ouvidos” (Mt 6,7).

Por sua natureza, a recitação do Rosário requer um ritmo tranquilo e uma certa demora a pensar, que favoreçam, naquele que ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor, vistos através do coração daquela que mais de perto esteve em contato com o mesmo Senhor, e que abrem o acesso às suas insondáveis riquezas (MC 47).

Fazendo uma profunda reflexão do pensamento de Paulo VI acima transcrito, João Paulo II aponta os seguintes aspectos do Rosário que permitem melhor definir o seu “caráter próprio de contemplação cristológica” (RVM, 12): recordar Cristo com Maria, aprender Cristo de Maria, configurar-se a Cristo com Maria, suplicar a Cristo com Maria e anunciar Cristo com Maria. No tocante à dimensão relativa a recordar Cristo com Maria, João Paulo II afirma que:

O contemplar de Maria é, antes de mais nada, um recordar. Convém, no entanto, entender esta palavra no sentido bíblico da memória (*zakar*), que atualiza as obras realizadas por Deus na história da salvação. A Bíblia é narração de acontecimentos salvíficos, que culminam no mesmo Cristo. Esses acontecimentos não constituem somente um “ontem”; são também o “hoje” da salvação. (RVM, 13).

Essa atualização cumpre-se especialmente na liturgia: as obras realizadas na história da salvação alcançam os homens de ontem, de hoje e de sempre e também se aplicam a tudo que tiver ligação com aqueles fatos: “fazer memória deles, em atitude de fé e de amor, significa abrir-se à graça que Cristo nos obteve com os seus mistérios de vida, morte e ressurreição” (RVM, 13).

João Paulo II continua sua reflexão citando a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, nos seus itens 10 e 12, lembrando que a Liturgia é, ao mesmo tempo, a meta para a qual se dirige a ação da Igreja e a fonte da qual deriva toda a sua força; e que a participação na sagrada Liturgia não esgota a vida espiritual: o cristão, chamado a rezar em comum, deve também entrar no seu quarto para rezar a sós ao Pai (cf. *Mt* 6, 6), e rezar sem cessar. (cf. *1 Tes* 5, 17).

O Rosário, com a sua especificidade, situa-se nesse cenário diversificado da oração “incessante”, e se a Liturgia, ação de Cristo e da Igreja, é ação salvífica por excelência, o Rosário, enquanto meditação sobre Cristo com Maria, é contemplação salutar. De fato, a inserção, de mistério em mistério, na vida do Redentor faz com que tudo aquilo que Ele realizou e a Liturgia atualiza, seja profundamente assimilado e modele a existência. (RVM, 13).

Em seguida convida-nos a aprender Cristo de Maria e, para isso, adentrar em sua escola. Se no âmbito divino, é o Espírito Santo que nos dirige à plena verdade de Cristo, no âmbito humano ninguém melhor do que Maria conhece Cristo e pode conduzir-nos no conhecimento do seu mistério. Nesse sentido, afirma que “percorrer com ela as cenas do Rosário é como frequentar a ‘escola’ de Maria para ler Cristo, penetrar nos seus segredos, compreender a sua mensagem”. (RVM, 14). João XXIII (2015) assim refere a relação entre os indivíduos e cada um dos mistérios:

Toda pessoa encontra, em cada um dos mistérios, o ensinamento oportuno e bom para si mesma, em vista da própria santificação e das condições em que vive; e sob a iluminação constante do Espírito Santo, que do profundo da alma em graça ‘suplica em nosso favor com gemidos inenarráveis’ (Rm 8,26), cada um confronta a própria vida com o calor de ensinamento que brota desses mistérios, e neles encontra aplicações inexauríveis para as próprias necessidades espirituais, como para aquelas do seu viver quotidiano. (JOÃO XXIII, 2015, p. 37).

Além de recordar Cristo com Maria e aprender Cristo de Maria, a contemplação dos mistérios do Rosário nos permite configurar-nos a Cristo com Maria, visto que o fundamento da espiritualidade cristã consiste no discípulo procurar sempre mais configurar-se com seu mestre e o Rosário, fundamentado na incessante contemplação do rosto de Cristo, na presença de Maria, “introduz-nos de modo natural na vida de Cristo e como nos faz ‘respirar’ os seus sentimentos”. (RVM, 15).

A este respeito, diz o Beato Bartolo Longo: ‘Tal como dois amigos, que se encontram constantemente, costumam configurar-se até mesmo nos hábitos, assim também nós, conversando familiarmente com Jesus e a Virgem, ao meditar os mistérios do Rosário, vivendo unidos uma mesma vida pela Comunhão, podemos vir a ser, por quanto possível à nossa pequenez, semelhantes a eles, e aprender destes supremos modelos a vida humilde, pobre, escondida, paciente e perfeita. Nesse processo de configuração a Cristo no Rosário, confiemo-nos, de modo particular, à ação maternal da Virgem Santa. (RVM, 15).

Dando sequência a reflexão, João Paulo II aponta outra dimensão cristológica do Rosário que é a de suplicar a Cristo com Maria. Lembra-nos que: Cristo nos ensina a suplicar a Deus com insistência e confiança para sermos atendidos (“Pedi e vos será dado; procurai e achareis; batei e vos será aberto”, cf. MT 7,7); que o fundamento da eficácia dessa súplica é a bondade de Deus, mas também a mediação de Cristo junto ao Pai (cf. 1Jo 2,1) e a ação do Espírito Santo, que roga por nós de acordo com os desígnios de Deus (cf. Rm 8, 26-27).

Em apoio da oração que Cristo e o Espírito fazem brotar no nosso coração, intervém Maria com a sua materna intercessão. “A oração da Igreja é como que sustentada pela oração de Maria”. De fato, se Jesus, único Mediador, é o Caminho da nossa oração, Maria, pura transparência dele, mostra o

Caminho, e “é a partir desta singular cooperação de Maria com a ação do Espírito Santo que as Igrejas cultivaram a oração à santa Mãe de Deus, centrando-a na pessoa de Cristo manifestada nos seus mistérios”. Nas bodas de Caná, o Evangelho mostra precisamente a eficácia da intercessão de Maria, que se faz porta-voz junto de Jesus das necessidades humanas: “Não têm vinho”. O Rosário é ao mesmo tempo meditação e súplica. A imploração insistente da Mãe de Deus apoia-se na confiança de que a sua materna intercessão tudo pode no coração do Filho. (RVM, 16).

Finalizando sua reflexão a respeito das dimensões cristológicas do Rosário, obtidas a partir da contemplação, João Paulo II aponta o anunciar Cristo com Maria. De acordo com o então pontífice, “o Rosário é também um itinerário de anúncio e aprofundamento, no qual o mistério de Cristo é continuamente oferecido aos diversos níveis da experiência cristã” (RVM, 17). Não é à toa a importância que a Igreja sempre deu ao cultivo dessa devoção, como descrito abaixo:

De fato, se na recitação do Rosário todos os elementos para uma meditação eficaz forem devidamente valorizados, torna-se, especialmente na celebração comunitária nas paróquias e nos santuários, uma significativa oportunidade catequética que os pastores devem saber aproveitar (RVM, 17).

Staid (1995) aponta um terceiro aspecto teológico do Rosário: além de ser uma oração evangélica e cristológica, é também uma oração eclesial. À Igreja – enquanto povo de Deus convidado à salvação por meio da fé em Jesus Cristo – o Rosário promove o conhecimento do mesmo Cristo Jesus e do seu mistério salvífico, a partir do qual nos impele a segui-lo.

No processo evolutivo dessa oração a finalidade continua sendo sempre o ato de fé que, vivido com Maria, é sinal mais evidente de eclesialidade, já que ela está ligada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação, sendo até verdadeiramente a mãe dos membros de Cristo, porque cooperou com a sua caridade para o nascimento dos fiéis da Igreja, fiéis que são membros do corpo cuja cabeça é Cristo (STOID, 1995, p. 1141).

Vislumbramos o aspecto eclesial no início contemplação: o Pai-Nosso, oração ensinada por Jesus aos discípulos, é a oração da Igreja por excelência. Afirma João Paulo II: “O Pai-Nosso, colocado quase como alicerce da meditação cristológico-mariana que se desenrola mediante a repetição da Ave-Maria, torna a meditação do mistério, mesmo quando é feita a sós, uma experiência eclesial” (RVM, 32).

O aspecto eclesial do Rosário também se faz presente quando olhamos para a sua dimensão suplicante, descrita em parágrafos anteriores. A segunda parte da Ave Maria é uma súplica eclesial na qual toda a Igreja roga à mãe do Senhor que interceda por todos os pecadores.

Encerrando a contemplação de cada mistério, o Glória ao Pai, que é a doxologia, “a glorificação que se dá a um Deus Uno e Trino, que vive em nós e se revela como Comunidade de Amor” (BOFF, 2019a, p. 126) e do qual e para o qual todas as coisas são feitas (cf. Rm 11,36), também assinala o sentido eclesial da oração do Rosário.

João XXIII, ao refletir sobre a intenção piedosa, que juntamente com a contemplação mística e a reflexão íntima, compõe o que ele chama tríplice elemento constituinte da essência do Rosário, revela o aspecto eclesial na dimensão suplicante do Rosário:

Por último, a intenção, ou seja, a indicação de pessoas, instituições, necessidades de ordem pessoal e social, que para um católico verdadeiramente ativo e piedoso estão incluídas no exercício da caridade para com os irmãos, caridade que se difunde nos corações como expressão vivente da pertença comum ao corpo místico de Cristo. Assim, o rosário se torna súplica universal de cada alma e da imensa comunidade dos redimidos, de tal maneira que todos os cantos da terra se encontram numa oração única: seja na invocação pessoal, implorando graças para as necessidades individuais de cada um, seja no participar do coro imenso e unânime de toda a Igreja em prol dos grandes interesses da humanidade. A Igreja, como o Redentor divino a quis, vive entre as agruras, adversidades e tempestades de uma desordem social que muitas vezes se torna ameaça assustadora; no entanto, seus olhares estão fixos e suas energias da natureza e da graça endereçadas sempre para o destino supremo das eternas finalidades (JOÃO XXIII, 2015, p. 37).

Por meio do Rosário, Maria continua anunciando Cristo através dos tempos. Muitos são os relatos de conversão iniciados a partir da oração do Rosário. Cantalamessa (1990, p. 179-180) descreve que a maneira prática e simples para que aqueles que perseveram junto a oração com Maria pode ser descrita pela oração do Rosário, assim, entende que os mistérios podem ser revividos, modificando assim a Bíblia e a história da salvação.

### **3.3.1 ROTEIRO DO ROSÁRIO NO THMR**

Tomando por base o manual THMR, que contém as diretrizes para sua organização nas comunidades, temos uma seção que estabelece um roteiro para a condução da forma como é rezado pelos grupos do THMR, o qual apresentamos a seguir:

*Intenções do Rosário que vamos rezar:*

*Ler as intenções dos participantes, escritas num livro próprio, disponibilizado no lugar da recepção.*

Preliminarmente a oração do terço propriamente dita, há o acolhimento das intenções e provocações relativas à vida dos participantes, que veem neste momento uma atrativa oportunidade de escuta e expressão de suas necessidades e desventuras, em um ambiente descontraído e acolhedor, colocando-as em comum na oração do terço. As intenções são escritas em um livro específico para essa finalidade, disponibilizado no lugar da recepção do ambiente em que estiver sendo realizado o encontro:

1. Receber a Mãe Rainha:  
(Se for conveniente, entra também a imagem do(a) Padroeiro(a) da Paróquia. Forma-se uma procissão juntamente com todos os irmãos que participarão da Liturgia.  
Canto: Mãe Peregrina.

Na sequência das intenções, segue uma procissão de entrada com a imagem da Mãe Peregrina<sup>24</sup>, momento oportuno também para introduzir imagem do padroeiro da paróquia à qual pertence o grupo. Neste momento também é entoado o canto Mãe Peregrina, de autoria do Pe. Antonio Maria, Isch:

2. Iniciar o Rosário com a saudação ao Deus Trino.

Iniciando o rito do terço com a saudação à Santíssima Trindade, podendo ser cantado ou recitado:

3. Ato Penitencial:  
Confesso a Deus, Todo Poderoso, e a vós irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes, por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa e peço à Virgem Maria, aos Anjos e Santos, e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim a Deus Nosso Senhor. Amém.

Em seguida é feito um momento de contrição, por meio do ato penitencial:

4. Invocação ao Espírito Santo  
Pode ser feita com um canto ou a Oração ao Espírito Santo:  
Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor. Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da terra.  
Oremos:  
Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a Luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito e gozemos da sua consolação, por Cristo Senhor Nosso. Amém!

Após o ato penitencial, é feita a invocação ao Espírito Santo:

5. Evangelho do dia  
Canto de aclamação ao Evangelho  
Proclamar o Evangelho do dia, ou outro, de acordo com o costume da Paróquia.  
Breve reflexão do Evangelho.

---

<sup>24</sup> A imagem da Mãe Peregrina popularizou-se a partir da missão assumida pelo servo de Deus João Luiz Pozzobon, que iniciou



Acolhe-se a palavra, no Evangelho do dia, com uma breve reflexão:

6. Oferecimento do Rosário  
Divino Jesus!

Nós vos oferecemos este rosário que vamos rezar, Divino Jesus, nós Vos oferecemos este terço que vamos rezar, meditando os mistérios de nossa Redenção. Concedei-nos as virtudes que nos são necessárias para bem rezá-lo e a graça de ganharmos as indulgências desta Santa Devoção. Oferecemos, particularmente, em desagravo dos pecados cometidos contra o Santíssimo Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria, pela paz do mundo, pela conversão dos pecadores, pelas almas do Purgatório, pelo Santo Padre, o Papa, pelo nosso (Arce) bispo, pelo aumento e santificação do Clero, pelo nosso Pároco, pela Santificação das famílias, pelas missões, pelos doentes, pelos agonizantes, por aqueles que pediram nossas orações, por todas as nossas intenções particulares e pelo Brasil. Amém.

A oração de oferecimento é um momento em que também verificamos a dimensão suplicante que o Rosário contém:

7. Credo

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da terra, e em Jesus Cristo seu único filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso, de onde há de vir e julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém.

Na profissão de fé, o participante do THMR reafirma a sua pertença e unidade com a Igreja católica:

8. Oração do Pai-Nosso

Pai-Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos deixei cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

A oração da Igreja por excelência, que marca a eclesialidade da oração do Rosário:

9. As Três Primeiras Ave-Marias

Deus te salve Maria, Filha de Deus Pai, e dai-nos a graça do acolhimento espiritual:

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sóis vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

Deus te salve Maria, Mãe de Deus Filho, e dai-nos a graça da transformação interior: Ave Maria...

Deus te salve Maria, Esposa do Espírito Santo, Templo e Sacrário da Santíssima Trindade, dai-nos a graça da fecundidade apostólica: Ave Maria...

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio agora e sempre, amém.

Nas três Ave-Marias, nas quais também se saúdam as três pessoas da Santíssima Trindade, são acrescentadas súplicas para receber as graças do Santuário: acolhimento espiritual, transformação interior e fecundidade apostólica:

10. Jaculatórias

- Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno; levai as almas todas para o Céu e socorrei principalmente as que mais precisarem.
- Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt, rogai por nós e abençoai as famílias do mundo inteiro.

Após a recitação das três Ave-Marias, são recitadas duas jaculatórias: a tradicional “Ó meu Jesus...” e uma específica do Movimento de Schoenstatt:

11. Oração de Confiança

Confio em Teu poder e em Tua bondade, em Ti confio com filialidade, confio cegamente e em toda a situação, Mãe, no teu Filho e na Tua proteção. Amém.

Conclui-se a parte introdutória do terço recitando a Oração de Confiança, cuja autoria é atribuída ao Pe. José Kentenich. Ato contínuo, inicia-se a contemplação dos mistérios. Como os encontros são realizados em um dia fixo, uma vez por semana, o manual orienta que para poder rezar todos os mistérios do Rosário, seja solicitado ao pároco licença para escolher os mistérios a serem meditados, independentemente do dia da semana. Tal orientação se fundamenta no fato de que a carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae* indica, de acordo com a prática corrente, os mistérios a serem meditados em cada dia da semana, sem, contudo, apresentar-se de modo inflexível, conforme se depreende da leitura do seu item 38:

O Rosário pode ser recitado integralmente todos os dias, não faltando quem louvavelmente o faça. Acaba assim por encher de oração as jornadas de tantos contemplativos, ou servir de companhia a doentes e idosos que dispõem de tempo em abundância. Mas é óbvio – e isto vale com mais forte razão ao acrescentar-se o novo ciclo dos *mysteria lucis* – que muitos poderão recitar apenas uma parte, segundo uma determinada ordem semanal. Esta distribuição pela semana acaba por dar às sucessivas jornadas desta uma certa “cor” espiritual, de modo análogo ao que faz a Liturgia com as várias fases do ano litúrgico.

Segundo a prática corrente, a segunda e a quinta-feira são dedicadas aos “mistérios da alegria”, a terça e a sexta-feira aos “mistérios da dor”, a quarta-feira, o sábado e o domingo aos “mistérios da glória”. Onde se podem inserir os “mistérios da luz”? Atendendo a que os mistérios gloriosos são propostos em dois dias seguidos –sábado e domingo – e que o sábado é tradicionalmente um dia de intenso carácter mariano, parece recomendável deslocar para ele a segunda meditação semanal dos mistérios gozosos, nos quais está mais acentuada a presença de Maria. E assim fica livre a quinta-feira precisamente para a meditação dos mistérios da luz.

Esta indicação, porém, não pretende limitar uma certa liberdade de opção na meditação pessoal e comunitária, segundo as exigências espirituais e pastorais e sobretudo as coincidências litúrgicas que possam sugerir oportunas adaptações. Verdadeiramente importante é que o Rosário seja

cada vez mais visto e sentido como itinerário contemplativo. Através dele, de modo complementar ao que se realiza na Liturgia, a semana do cristão, tendo o domingo – dia da ressurreição – por charneira, torna-se uma caminhada através dos mistérios da vida de Cristo, para que Ele Se afirme, na vida dos seus discípulos, como Senhor do tempo e da história (RVM, 38).

Na parte relativa à contemplação dos mistérios, o Manual do Terço dos Homens Mãe Rainha faz uma introdução pertinente a cada grupo de mistérios – gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos, bem como apresenta uma passagem bíblica relativa a cada um dos cinco mistérios em que se subdivide cada grupo de mistério, acompanhada de uma pequena reflexão. Após cada contemplação, intercalam-se a recitação de 1 Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, a doxologia Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, as jaculatórias e a Oração da Confiança, conforme apresentado em parágrafos anteriores.

Terminada a contemplação dos mistérios, segue-se a oração de agradecimento, que é finalizada com a recitação da oração da Salve Rainha:

Oração de Agradecimento

Infinitas graças vos damos, Soberana Rainha, pelos benefícios que recebemos todos os dias de vossas mãos liberais. Dignai-vos, agora e para sempre, tomar-nos debaixo do vosso poderoso amparo e para mais vos implorar, vos saudamos com uma Salve Rainha...

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, Salve! A Vós bradamos os degredados filhos de Eva, a Vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria.

Rogai por nós Santa Mãe de Deus

Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

O manual indica ainda a Ladainha de Nossa Senhora. Na prática, observamos que após a oração de agradecimento e recitação da Salve Rainha, é feita a recitação da oração do santo anjo e, em seguida, a consagração a Nossa Senhora, que pode ser rezada ou cantada.

Sendo o Rosário uma oração cristocêntrica presente na vida do povo, sua recitação comunitária torna-se lugar teológico da nova evangelização. Como visto neste capítulo, se bem contemplado, favorece a evangelização. Nesse sentido, o THMR, como expressão da piedade popular, torna-se um instrumento de grande amplitude da nova evangelização, destarte algumas fragilidades, como veremos no capítulo a seguir, mas que podem ser superadas se dada a devida assistência pastoral por parte das lideranças, tanto dos leigos quanto dos presbíteros.

#### 4. PERSPECTIVA TEOLÓGICO-PASTORAL DO THMR

Atualmente na pastoral paroquial temos o terço mariano como um grande instrumento de superação do indiferentismo e do individualismo, resgatando, a partir dessa prática piedosa tão antiga, maior participação do povo de Deus. Valendo-se dessa estratégia pastoral de encontro e comunhão, o THMR de modo relevante tem se propagado nas diversas paróquias, conquistando cada vez mais participantes.

Neste capítulo abordaremos a dimensão teológico-pastoral do Rosário, abordaremos algumas questões pastorais suscitadas a partir da experiência do THMR e abordaremos a contribuição do THMR no enfrentamento dos desafios da pastoral urbana.

##### 4.1 DIMENSÃO TEOLÓGICO-PASTORAL DO ROSÁRIO

Murad relata que os seguidores de Jesus foram desenvolvendo várias formas de rezar. Sendo uma delas a oração vocal repetida ao longo do dia, como um louvor, uma ação de graças ou até mesmo uma consagração. Recorda ainda que, no Oriente, a oração do peregrino Russo: “Senhor Jesus Cristo, filho do Deus vivo, tem piedade de mim, pecador”, que se repete quando na caminhada, é expressão esta da oração vocal.

Murad (2012, p.214-215) também recupera como as diversas tradições religiosas, a exemplo os hindus e os budistas, o fazem como mantras repetidos inúmeras vezes durante o dia. Relembra ainda que nossas jaculatórias seguem o mesmo costume. Sendo também nossa Ave-Maria, quando proferida como oração vocal, uma maneira eficaz de acalantar o coração sintonizado com o divino, pelo qual se revela como uma forma contemplativa. Para tal, Brustolin (2017) especifica:

Assim como os mantras orientais repetem sempre as mesmas frases para inserir o orante na contemplação do mistério, a repetição das Ave-Marias transporta o cristão para meditação e aprofundamento do significado dos eventos vividos por Jesus Cristo e sua Mãe que transformaram a história e possibilitaram a salvação da humanidade. (BRUSTOLIN, 2017, p. 94-95).

Ainda de acordo com Murad (2012, p.214), não se sabe ao certo quando os cristãos iniciaram essa prática do Ave-Maria como oração vocal. Por volta da idade média alguns monges iletrados repetiam pequenos trechos dos salmos de memória. Para tanto, dos cento e cinquenta salmos rezavam o correspondente número de Ave-Marias, mas somente a primeira parte composta da saudação angélica, de Lc 1,28, e as palavras de Isabel, de Lc 1.42.

Os lugares de encontro com Jesus se valem de mediações às quais o Documento de Aparecida põe em relevância, entre outros pontos, duas formas de encontro que estão intimamente ligadas ao objeto desta pesquisa: a piedade popular, que por sua vez se manifesta através dum catolicismo popular inculturado, e Maria.

No que tange à alma dos povos latino-americano e caribenhos, a piedade popular – que por representação tem na oração do terço como grande expoente – demonstra uma experiência de peregrino no qual remete uma forma de ser Igreja missionária. Outro aspecto, ainda no tocante à religiosidade popular, é em relação à presença do Santuário no Terço dos Homens. “Nos santuários, muitos peregrinos tomam decisões que marcam suas vidas. As paredes dos santuários contêm muitas histórias de conversão, de perdão e de dons recebidos que milhões poderiam contar”. (DAp. 260)

Torna-se oportuno salientar a visão de Boff (2006, p.576) em relação ao desenvolvimento pastoral da piedade marial que, para o referido autor, se desenvolve em três etapas, a saber: uma primeira que compreende uma devoção religiosa em busca de proteção diante de um mundo de desesperança e aflições, surtindo efeitos sociais ora de aproximação religiosa, ora de resistência, podendo ainda, na pior das hipóteses, conduzir à alienação.

Numa segunda etapa, corresponde a imitação ética da figura de Maria, que não é apenas para ser invocada, mas também para ser seguida concretamente na vida. De onde no âmbito social se busca restaurar as condições adversas da vida. Segue uma última etapa, que infunde o modelo de compromisso social com aquilo que afeta a sociedade de modo adverso. (BOFF, 2006, p.577).

Em relação ao sentido antropológico maternal marial, Murad (2012) comenta em linhas eclesiais que todo povo de Deus e cada cristão participa da maternidade de Maria, onde somos convidados a desenvolvermos traços maternos, a partir do nascimento na acolhida da comunidade, Igreja-mãe que nos acolhe e nutre, fazendo-nos filhos seus em um processo gerativo, dando-nos o colo e aconchego, como mãe educadora e profética que nos ajuda a crescer, mas que também anuncia e denuncia as demandas deveras injustas às quais somos por demais afligidos.

O autor ainda evidencia a forma mais concreta da Igreja se apresentar como Mãe, que é justamente na opção preferencial pelos pobres, onde ela é movida pelo sofrimento e angústias dos seus filhos, privados por vezes dos direitos elementares e vitimados por uma estrutura de pecado e desamor que oprime, fere e exclui a decência

dos seus filhos, resgatando assim através, desta opção, a dignidade de filhos de Deus, ajudando-nos na superação de tais estruturas de injustiça e pecado. (MURAD, 2012, p.140).

Para além da esfera pastoral propriamente dita, a devoção ao Rosário muitas vezes termina por repercutir em questões sócio-pastorais e até políticas, conforme visto em algumas situações ocorridas no passado. Boff (2006, p. 112) destaca que o Santo Rosário se apresenta como uma arma de grande eficácia da qual a Virgem Mãe dispõe para atuar na sociedade, desde a Idade Moderna, em sufrágio dos seus filhos.

O autor realiza uma recuperação histórica em relação a perspectiva política do Rosário, afirmando que o mesmo “trazia, desde o berço, marcas de arma política” (BOFF, 2006, p.112). Tal afirmação faz referência a um fato ocorrido em 1475, ao qual aponta ser a primeira demonstração de força política do Rosário.

Trata-se do episódio em que o monge dominicano Jacob Sprenger, realizou a fundação de uma Confraria do Rosário, em Colônia, na Alemanha, especificamente para pagar uma promessa pela libertação da praça forte de Neuss, em frente a Dusseldorf, que no ano anterior fora cercada pelo duque de Borgonha. Boff (2006) aponta que essa demonstração de força política do Rosário foi demonstrada também quase 100 anos depois, na Batalha de Lepanto. Chama atenção para o fato de que já no ano posterior à fundação da confraria passaram a fazer parte dela altas figuras da sociedade, como a família imperial da época.

Fazendo alusão ao aspecto social do Rosário, Boff relata dois episódios promovidos pelo Padre Timóteo Ricci, também dominicano, nos quais evidencia a importância social do santo Rosário. O primeiro fato foi o estímulo realizado pelo Padre Timóteo para a recitação coletiva e pública em ruas e praças, e nas casas, de janela em janela, principalmente em situações de aflição social ou em casos de guerra.

Boff cita como exemplo a Batalha de La Rochelle, episódio ocorrido em 1628, em que forças católicas, sob as ordens do cardeal Richelieu, realizaram um cerco para vencer os protestantes. Boff menciona registros históricos em que um cronista diz que, “depois da vitória, os grandes do Reino se reuniram “para cantar o Rosário em voz alta” (BOFF, 2006, 113).

O outro fato referido por Boff foi o Rosário Perpétuo, estimulado também pelo Padre Ricci, no qual as pessoas formavam uma corrente, uma após a outra recitando individualmente o Rosário, ininterruptamente, “na intenção dos pecadores, dos agonizantes, bem como para afastar epidemias sociais e guerras entre as nações. Vê-

se, pois, como essa devoção ia se revestindo também de um conteúdo sociopolítico”. (BOFF, 2006, p.113).

Em 1917, quando estava envolvido na primeira guerra mundial, Portugal era uma república recém-criada, inspirada nos ideais liberais e iluministas. Mesmo a guerra não sendo travada dentro de suas fronteiras, causou pobreza e morte a um grande número de pessoas. Diante de um cenário anticlerical, em meio às aparições em Lourdes, o Rosário ganhou forte impulso, se expandindo no meio do povo, sendo ainda um grande instrumento em inúmeros enfrentamentos e nas diversas manifestações político-religiosas, como na Irlanda 1916; Viena 1955; Brasil 1964; e nas Filipinas 1986. (BOFF, 2006, p.113).

Os papas dos tempos modernos foram grandes incentivadores do Rosário, encontrando nele uma arma poderosa e, em paralelo, popular para contrapor-se aos desvios da cultura moderna. As divergências entre a Igreja e a sociedade secularista só começaram a ser superadas a partir do Concílio Vaticano II, quando se buscou o diálogo entre a Igreja e o mundo moderno.

No contexto da polarização entre a Igreja e a sociedade, alguns teólogos com tendência ao ultramontanismo “começaram a falar na dimensão social da mariologia ou da mediação social de Maria. Esta passava a ser vista como uma grande aliada da Igreja Católica, especialmente de seu chefe.” Assim, os papas em vista da superação das ameaças oriundas dos tempos modernos, “os papas colocaram-se sob a égide d’Aquele que tinha sido na história a poderosa ‘Auxílio dos cristãos’.” (BOFF, 2006, p.114).

Boff (2006, p.114-119) retoma, a partir de Pio IX até João Paulo II, a atuação de alguns pontífices relacionada ao Rosário em linhas sócio pastorais. Em primeiro relembra a confiança inabalável de Pio IX na Virgem Maria, visto que o mesmo pretendia combater os desvios da sociedade vigente, condenando-os, por ocasião da proclamação do dogma da Imaculada, em 1854.

Entretanto, diante de inúmeras dificuldades, só depois de 10 anos é que foi possível, por meio de um documento à parte, denominado Sílabo, publicado exatamente na festa da Imaculada de 1864. Lembra ainda sob o pontificado de Pio IX, sob suas bênçãos, que o seráfico Dom Bosco fomentou a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, erigindo um templo em Turim, à luz da visão que teve onde a Auxiliadora se apresentava como coluna da Igreja em perigo.

Em continuidade recorda a ação de Leão XIII, o papa do Rosário que apresenta o referido como ‘Auxílio dos cristãos’, ‘socorro do céu’ e bem como instrumento de enfrentamento frente aos erros e males da época. Evidencia ainda uma grande preocupação com o social, inaugurando a doutrina social da igreja com a encíclica *Rerum novarum*, em outras tantas encíclicas e documentos menores potencializa o uso do Rosário como remédio contra ataques de um século extraviado, enfatiza ataques esses dirigidos a Igreja e à ordem social.

Tendo este já servido como arma de combate contra os albigenses e contra os turcos, sendo agora oportuno de acordo com o pontífice romano o uso contra os males da época, tendo presente essa afirmativa na sua primeira encíclica *Supremi apostolatus* (1883).

Boff (2006, p.115) relata ainda que Leão XIII numa outra encíclica, a *Laetitiae sanctae* (1893) a respeito do Rosário definiu os males enfrentados como sendo; ‘o desgosto de uma vida modesta e ativa’, ‘o horror ao sofrimento’ e ‘o esquecimento dos bens eternos’, ensinando por sua vez que a reza dos mistérios do Rosário era cura para todos esses malefícios, sendo respectivamente os mistérios gozosos remédios para o primeiro mal, os dolorosos para o segundo assim os gloriosos para o terceiro.

É também de Leão XIII o decreto de 1884 que amplia para toda a Igreja uma prática de 1859 de Pio IX, antes restrita aos estados pontifícios, e que durou até o Concílio Vaticano II: “rezar, ao final da missa, ao pé do altar, a oração Deus *refugium nostrum et virtus* e a invocação a São Miguel Arcanjo, bem como três Ave-Marias e a Salve-Rainha, pedindo a Deus para livrar o mundo da maçonaria e dos erros modernos.” (BOFF, 2006, p.115).

Do mesmo modo, Pio X promoveu a devoção a Maria sob a invocação de Auxílio dos Cristãos, com intuito de combater os desvios da cultura moderna que adentrava à Igreja, principalmente na teologia. Boff (2006, p.116) em sua obra relembra ainda que Pio X na sua encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum* (1904) remete que a Imaculada é a refutação de todas as heresias hodiernas: o racionalismo, o materialismo, o anarquismo.

O sucessor de Pio X, Bento XV, deparando-se com o cenário da primeira guerra mundial, realizou acréscimo nas ladainhas lauretanas da invocação ‘Rainha da Paz’, e promoveu ainda o culto a Nossa Senhora das Dores como patrona dos agonizantes. Por ocasião do VII centenário de morte de São Domingos, emitiu um



documento pelo qual apresentava o Rosário como remédio para os tempos difíceis vigentes.

Pio XI, igualmente em vista de combater os ‘erros do tempo’, lembrou o Rosário como a arma espiritual no passado cristão que levou ao triunfo na batalha de Lepanto. Na sua encíclica papal *Ingraves centibus malis* (1937), convida a todos à oração do Rosário para obter o triunfo dos males e erros presentes mediante essa poderosa intercessão, males esses que suscitaram motins sangrentos e desencadearam guerra civil como a espanhola; e ainda graves calamidades a exemplos: o comunismo; o próprio nazismo e bem como o despertar no horizonte da II grande guerra mundial.

Em continuidade, diante de momentos difíceis frente à concórdia fraterna das nações despedaçadas, Pio XII convida através da encíclica *Ingruentium malorum* (1951) a invocarem Maria por meio da devoção do santíssimo Rosário a fim de superar os males do tempo, como a guerra fria; revoluções sangrentas, sobretudo no terceiro mundo e perseguições à Igreja. Boff comenta também que Pio XII chama a Virgem de ‘vencedora de todas as batalhas’, principalmente na superação dos males sociais.

Também lembrando Pio XII quanto ao emprego da designação ‘à Virgem’ e as suas aplicabilidades tanto para o fiel bem como para os inimigos, remonta também que:

Por muitas vezes esse Pontífice aplicou à Virgem a designação guerreira, tirada do livro dos Cânticos: “terrível como um exército em ordem de batalha”; *terribilis ut castrorum acies bene ordinata* (Ct 6,10). Explica, porém, que é “terrível” para os inimigos, mas, para os fiéis, pelo contrário, “Ela avança como a aurora, bela como a lua, esplêndida como o sol”. Quais seriam esses “inimigos” de Maria e da Igreja? São-diz o Papa-, em primeiro lugar, o “materialismo prático”, o “neopaganismo”, acrescentando, de modo pertinente, o “amor ao dinheiro”, o “egoísmo opressor” e as “injustiças” em geral (BOFF, 2006, p.117).

Em relação ao Papa Roncalli, João XXIII, Boff (2006, p.117) lembrando a epístola apostólica *Il religioso convegno* (1961) no qual recomenda como prece pública o Rosário de Maria, forma devota de união com Deus e ainda entendido como súplica mundial pela paz do Senhor e pela esperança, pela felicidade.

Já Paulo VI produziu três documentos a respeito do Rosário, no qual põe no contexto dos conflitos geopolíticos como a fome, a injustiça e principalmente as guerras. Onde em relação aos conflitos sociais o sumo pontífice alude o Rosário como para-raios que afastam os males e as calamidades não por forças mágicas, mas pela

confiança na força da graça, de acordo com a encíclica *Christi matri* (1967), sem falar da maternal pedagogia que na meditação dos mistérios do Rosário alude ao compromisso pela paz e justiça.

Em relação ao papa das famílias, João Paulo II, Boff (2006, p. 118) destaca a contribuição valorosa deste pontífice à mariologia social, em especial a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (2002), evidenciando o seu sentido sócio-mariológico, onde o então pontífice destaca ainda como o Rosário, oração de inúmeros santos, na sua simplicidade e profundidade, marca o ritmo da vida; com seu rico e eficaz simbolismo prende o recitante ao bom Deus, como irmãos solidários que lutam e sofrem no mundo.

Salienta ainda o terço do Rosário como uma força revigorante e agregadora do povo de Deus em oposição às forças desagregadoras e seus nefastos efeitos na contemporaneidade; Wojtyła, segundo Boff (2006, p. 119), relembra a ação pacificadora e tranquilizadora exercida pela recitação contemplativa e serena das Ave-Marias, ressaltando como grande arma de paz para mundo, tornando-o mais belo e justo.

Ademais, Boff (2006, p.119) finaliza sua análise enfatizando a riqueza do caráter sócio-mariano na devoção marial. Ressaltando ainda a importância do acolhimento por parte de todos a respeito do ensino pontifical, quanto ao Rosário, aos que fazem a Igreja, sem excluir os teólogos. Ainda relembra que além do Rosário outro meio de combate foi à consagração dos povos à Virgem Maria, em especial da Rússia que os pontífices realizaram ao Imaculado Coração de Maria.

Atualmente, o papa Bergoglio pede aos fiéis do mundo inteiro que rezem um terço por dia no mês de maio em prol da paz. E ainda de modo especial o Papa Francisco, se referindo, à Ucrânia, durante a recitação do *Regina Caeli*, no dia 1 de maio de 2022<sup>25</sup>, nutrindo os esforços pela paz, aludiu a criação de um corredor humanitário para os refugiados na siderúrgica de Mariupol, citou as notícias terríveis a respeito de crianças expulsas e deportadas, convocou a necessária ruptura com a lógica da violência que atinge e vitimiza principalmente os mais frágeis.

---

<sup>25</sup> Reportagem completa disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-05/papa-francisco-terco-diario-pela-paz-no-mes-de-maio.print.html>.

## 4.2 ASPECTOS PASTORAIS DO THMR

Na introdução da exortação apostólica *Marialis Cultus*, Paulo VI declara que a devoção para com a Virgem Maria é um componente qualificante da legítima piedade da Igreja e que se origina do culto a Cristo. Boff (2019a) ressalta que:

O culto à Virgem sempre desemboca numa prática que constrói o Reino e renova os costumes cristãos, sobretudo para a humanidade dos nossos tempos, a qual vive atormentada pela violência e pelas guerras, prostrada pela sensação das próprias limitações, assaltada por aspirações sem limites, perturbada na mente e dividida em seu coração, suspensa diante do mistério da morte e ao mesmo tempo sedenta de comunhão, de participação e de solidariedade. (BOFF, 2019a, p.128).

O valor pastoral da recitação do Rosário, como expressão da devoção mariana, se traduz na sua capacidade de agregar seus praticantes ao redor da palavra de Deus, gerando conversão, mudança de atitude diante dos desafios da vida.

Segundo Boff (2006, p.578) o potencial de mobilização de Maria, frente aos incontáveis desafios do povo, reafirma seu papel na história da salvação, bem como na história do povo cristão. Papel esse arrebanhador a partir da piedade marial que colabora para a libertação do povo oprimido. Em especial, a virtude de convocação de multidões em torno dos diversos e inúmeros santuários em prol de suas diversas e sentidas queixas sociais.

Murad enfatiza que as devoções marianas são ótimos instrumentos de evangelização, porém devem ser depuradas e tratadas com bom senso no seio da comunidade tendo sempre presente que Maria é nossa companheira de fé, bem como suas qualidades humanas e o seu peregrinar conosco no caminho que leva a Jesus. (MURAD, 2012, p.219). Comentando o aspecto pastoral da devoção mariana, Murad (2015) afirma que devemos ter cuidado com os desvios, ressaltando que:

As manifestações devocionais marianas, como qualquer outra expressão humana, são ambíguas. Apresentam elementos teológicos e espirituais preciosos, por vezes implícitos. E também trazem consigo limitações, traços anacrônicos e riscos reais de desvio. Cabe às distintas lideranças eclesiais (leigos/as, religiosos/as, padres e bispos) analisar o fenômeno e realizar o discernimento, assumindo então posturas pastorais. A ingenuidade ou a omissão poderão trazer sérios problemas no futuro. (MURAD, 2015, p. 13).

Comungando desse pensamento, Boff (2006) comenta ainda em relação à piedade popular marial que:

Passando agora diretamente à questão da relevância social da piedade popular. A primeira coisa a dizer é que a religião popular se mostra, na realidade dos fatos, ambígua e ambivalente. Em função do uso que se faz dela, ela pode servir para a conscientização ou para a alienação, para a

opressão ou para libertação. Por exemplo, Guadalupe foi fonte de inspiração para a independência do México e, hoje, para luta do povo por libertação, mas serviu também como selo de legitimação para muitos ditadores sanguinários (BOFF,2006, p.574).

Continuando Boff (2006, p.575) relata a vital importância de Maria na história dos povos cristãos. Fato este que devido à organização social girar em torno da cristandade, e com o advento da modernidade, resulta no desenrolar das crises que põem em xeque a plausibilidade desta organização, que conseqüentemente afetou a influência social de Maria, porém não aniquilou a influência social da piedade marial que apenas se redefiniu.

Vemos ainda que mesmo diante das ambiguidades e tendo também colaborado por vezes na perpetuação de relações iníquas, adentrando no século XX com a participação mais ativa dos cristãos no campo social, foi redesenhando a figura de Maria como símbolo libertador.

Em síntese, Murad (2012), comentando a devoção do Rosário em sua obra, no que refere a preocupação com atitude cuidadosa em evitar a instrumentalização em vista de fins obscuros e diversos do pretendido com essa devoção marial, aponta:

Como católicos, descobrimos e cultivamos muitas maneiras de rezar a Maria. As devoções marianas são bons instrumentos de oração e de evangelização, que necessitam ser selecionados, purificados e ressignificados. Devoções mal utilizadas e manipuladas são como faca afiada nas mãos de pessoas violentas. Podem fazer estragos. Devoções, usadas com coração e bom senso, fazem bem à comunidade, pois ajudam a mergulhar nas águas de Deus. Um banho saudável na fonte de toda Vida! (MURAD, 2012, p.219).

Uma preocupação em relação ao Terço dos Homens, no que diz respeito ao aspecto pastoral, bem como o seu sentido sócio-mariológico, é a possibilidade de possíveis desvios quanto à adoção de uma postura de fechamento e ensimesmamento, tornando-se um clube de homens. Outra questão, suscitada pelo site de teologia pastoral 'Fique Firme'<sup>26</sup>, na coluna Pastoral, seção Dicas Diversas, diz respeito à possível acomodação de alguns párocos em relação à atuação pastoral dos integrantes do terço, se contentando apenas com a participação dos mesmos nos encontros dos grupos.

Nas Orientações Gerais e Pastorais para o Terço dos Homens – 60 perguntas, Meister (2019) aborda essas questões. No ponto 52, encontramos o seguinte questionamento e resposta:

---

<sup>26</sup> Editorial completo disponível em [https://www.fiquefirme.com.br/90\\_terco\\_dos\\_homens](https://www.fiquefirme.com.br/90_terco_dos_homens)

52 Que tipo de apostolado é aconselhado o Terço dos Homens fazerem?  
 A atitude apostólica de Maria é nossa atitude. Com Ela queremos aprender a ser cada dia “mais discípulos e missionários” da Igreja. Maria, quando soube que seria Mãe do Salvador, não ficou parada em sua pequena casa e vilarejo, esperando suceder o prometido por Deus. Ela não hesitou em nenhum instante; foi de imediato ajudar aquela pessoa que naquele momento mais necessitava, que era sua prima Isabel. Inspirando-se no seu exemplo, o Movimento da Mãe Rainha é marcadamente apostólico e busca formar apóstolos. (...) Fundar novos grupos do Terço dos Homens Mãe Rainha, como também levar os homens a participar das atividades e pastorais da paróquia confirma essa característica apostólica; (...) A Secretaria Nacional orienta que os grupos sigam as orientações pastorais e diocesanas de ações pastorais. Cada diocese tem uma realidade e necessidades próprias. Então, podemos sintetizar: Convidar novos membros para o grupo, fundar novos grupos, participação nas atividades pastorais da Igreja e seu mundo laboral. (MEISTER, 2019, p. 75-76).

Aqui vemos que dependerá também da criatividade do pároco o aproveitamento desses homens no desenvolvimento das atividades pastorais paroquiais, fomentando uma participação mais ativa, formando discípulos missionários. Em relação à questão do fechamento às mulheres, no ponto 58 encontramos o seguinte questionamento e resposta:

58 Como entender a ausência das mulheres no Terço dos Homens?  
 O Terço dos Homens não exclui as mulheres. Por isso, uma vez ao mês o Terço dos Homens está aberto a toda a família. Neste momento, as mulheres participam. A originalidade da expansão do Terço dos Homens está, justamente, no fato de ter-se criado esse espaço, onde os homens podem ser protagonistas. A experiência mostra que nos lugares onde apenas as mulheres são protagonistas, os homens, lentamente, vão se distanciando e deixam de participar. Há um sadio momento psicológico por trás do Terço, rezado regularmente apenas pelos homens: Estando a sós entre eles, desperta na alma do homem o senso filial diante da Mãe de Deus e de Deus Trino. Assim os homens se experimentam protagonistas em sua caminhada de fé. Os homens sentem-se mais livres para orar entre os homens. Este é o momento que as mulheres podem, em casa, rezarem pelos seus maridos e famílias. (MEISTER, 2019, p. 81).

Na reportagem da revista O Globo, mencionada no capítulo relativo à origem do Terço dos Homens, um dos entrevistados, o diácono Melquisedec Ferreira da Rocha, em relação à proibição de participação das mulheres no encontro, ressalta que:

Homens gostam de ambientes masculinos, onde podem se soltar, rezar e chorar. Se estivessem ao lado das esposas ou das filhas, estariam muito mais travados, pois precisam manter a fama de forte diante da família.

Na mesma reportagem, o Padre Alberto Gonzaga, pároco de São Rafael Arcanjo, paróquia que foi objeto da matéria, afirma que

O terço é a melhor maneira de tocar no coração do homem e apresentar-lhe o novo rosto da igreja, a igreja que acolhe. Curiosamente, quem acaba dando testemunhos da conversão dos homens não são eles, mas sim suas

mulheres, que relatam mudanças no comportamento dos maridos, que passam a dividir as tarefas do lar.

Brighenti (2008, p. 94-95), na sua obra *Aparecida* em resumo enfatiza a desafiante proposta referente à superação da mentalidade neoliberal que reduz o papel do masculino a um mero instrumento de produção materialista. Vemos com isso que a proposta do THMR colabora com enfrentamento desse sistema opressor liberal-capitalista, que influi diretamente no afastamento da figura masculina na Igreja.

Tradicionalmente, uma porcentagem significativa de homens na América Latina se manteve à margem da Igreja. Isso questiona fortemente o estilo de nossa pastoral convencional (461). Por outro lado, muitos deles sentem-se cobrados na família, no trabalho e na sociedade, com tendência a valorizá-los pelo que contribuem materialmente (462). Como ações pastorais, propõem-se: incluir nos conteúdos de formação na Igreja a reflexão em torno da vocação a que o homem é chamado a viver no casamento, na igreja e na sociedade; aprofundar o papel específico que cabe ao homem na construção da família; denunciar a mentalidade neoliberal que não vê no pai de família mais do que um instrumento de produção e ganância; favorecer a participação ativa dos homens na vida da Igreja (463). (BRIGHENTI, 2008, p. 94-95).

Para o bom devoto do Rosário, sua oração diária é um exercício que não se pode eximir de se realizar. Aliado a isso, um dos apelos mais repetidos nas mais variadas aparições/revelações marianas é em relação à oração diária do terço. Os encontros do THMR são semanais. Pode-se enriquecer essa questão por meio da orientação da necessidade da oração em família nos outros dias da semana.

Em uma palestra sobre o Rosário proferida para famílias, em outubro de 1953, no Santuário de Madison – EUA, o Pe. José Kentenich (2003, p. 24) sugere que o Rosário seja o breviário das famílias, assim como existe o breviário para os clérigos, religiosos e religiosas. Para o Pe. Kentenich (2003, p.18), o Rosário é um instrumento de batalha para proteger a família dos perigos da contemporaneidade.

### **4.3 TERÇO DOS HOMENS NO ENFRENTAMENTO AOS DESAFIOS DA PASTORAL URBANA**

Vemos idosos, adultos e jovens que se enredam em torno da reza do terço num momento de encontro e comunhão, quando, conduzidos pela piedade popular, veem-se acolhidos e envolvidos através de uma pedagogia do encontro e comunhão. A partir da vivência dos pilares da caridade e da missão, o Terço dos Homens exerce o papel de comunidade eclesial, assumindo um espaço de encontro e acolhida e como

sujeito da evangelização. Ferraro (2021) nos traz uma importante reflexão sob tal perspectiva:

Em uma sociedade globalizada e urbanizada há um ambiente propício ao anonimato das pessoas, com a perda das relações primárias. Corre-se o risco também da homogeneidade cultural dominada por padrões que se impõem pela uniformização de comportamentos. A comunidade eclesial pode se apresentar como o lugar de encontro e de acolhida na medida em que as pessoas são conhecidas pelo nome, podem dizer sua palavra. Essa experiência ocorre onde há uma rede de comunidades que se articulam em um movimento de comunhão e autonomia. O documento da CNBB Comunidade de comunidades: uma nova paróquia aponta para a vivência dessa comunhão com autonomia ou autonomia com comunhão entre as comunidades eclesiais em uma rede de comunidades. (FERRARO, 2021, p.165).

Visando evitar uma postura de ensimesmamento, foi tomada como medida pastoral, embora ainda insuficiente, uma celebração mensal aberta às famílias dos integrantes, em vista à inclusão dos demais membros da sua família, principalmente as esposas, procurando assim forma resguardar-se do possível entendimento de ser ele excludente do gênero feminino, sendo oportuna a criação do guia de orientações pastorais, que busca justificar inicialmente tal compreensão pelo protagonismo do homem originando um ambiente mais convidativo à abertura do masculino.

Porém é evidente que mesmo diante dos esforços empreendidos na tentativa de justificar a ausência do feminino, que nesta perspectiva provoque um evidente estreitismo como também verdadeiro fechamento excluindo na sua expressão do marianismo popular.

A representatividade da dimensão feminina como podemos notar no roteiro do Rosário como é rezado nos grupos do THMR, empobrecendo com isso seu horizonte mariológico pós-conciliar, que conforme Boff (2019a) considerando a experiência de fé da comunidade lucana, como também da ótica do povo latino-americano-caribenha, onde “Maria é uma das expressões mais altas do Espírito e da Comunidade Divina, no seu modo de ser feminino e masculino [...]” Boff (2019a, p.58-60).

E esta por sua vez nos conduz a uma expressão de vivência da fé amparada na palavra Deus enquanto Comunidade Trinitária e relacionada para dentro e para fora. Essa ausência de mulheres vem ferir esse tão atual pressuposto apontado para uma vigorosa e frutuosa evangelização que atenda as demandas da Igreja na contemporaneidade.

Devido ao acelerado crescimento do terço dos homens pela América Latina e além-mar, torna-se necessário um olhar mais profundo para essa forma de agregação e missão crescente cada vez mais nas periferias urbanas e no campo, ao ponto da própria Igreja no Brasil (CNBB) designar um bispo para acompanhar o crescimento deste como vimos anteriormente, sendo retomadas essas colocações nas orientações gerais e pastorais do THMR (MAISTER, 2019, p.36). Ademais, vemos que essa devoção vem ao encontro da nova evangelização que se depara com inúmeros desafios da pastoral urbana.

Brighenti e Aquino Júnior (2021, p. 93) enfatizam, citando as novas diretrizes gerais da ação evangelizadora (DGAE), a necessária promoção de ambientes solidários e de proximidade, favorecendo o encontro amistoso e caloroso, que propicia a ajuda mútua bem como a renovação da sociedade. O THMR vem ao encontro dessa proposta, fomentando comunidades solidárias onde são colocados em comum as aflições, dores e desventuras de todos aqueles que confluem para essa proposta pastoral.

Destaca ainda a importância de não se reduzir apenas ao culto e ao devocionismo, recobrando aquilo que outrora foi ecoado do Concílio Vaticano II, nas conferências de Medellín e Puebla: o Povo de Deus em linhas das Comunidades Eclesiais de Base e o compromisso com a justiça social. (AQUINO JÚNIOR, 2021, p. 94).

A assessoria nacional do THMR remonta essa perspectiva, inserindo-a naquilo que demonstra como pilares na reportagem mencionada no tópico relativo à origem do Terço dos Homens. Prover do caráter missionário, porém sem deixar o risco do reducionismo desse termo apenas ao recrutamento de participantes. Sendo com isso deveras importante esse olhar pastoral para evitar tal empobrecimento e estreitismo, não pôr ao largo o compromisso com a transformação social focando apenas no aperfeiçoamento humano.

Vemos aqui um fator limitante, já que essa expressão que se propõe a aproximar o masculino da Igreja por si só já produz um estreitismo, que ecoa nas diversas paróquias e dioceses apresentando dificuldade em se articular com as pastorais de conjunto e na expressão do exercício da sinodalidade.

Reacendendo a grande importância da retomada das vinculações, Meister (2019) define o vínculo e em linhas do movimento de Schoenstatt, aplicando-o ao THMR esta que é uma das estrelas da pedagogia do movimento:



A palavra vínculo tem vários sinônimos: unir, ligar, apertar, prender, anexar, eternizar-se, perpetuar-se, imortalizar-se. Vínculo é a mesma coisa que criar laços de amizade, fortalecer uma relação honesta e fiel com quem a gente se propõe vincular. Dentro da espiritualidade de Schoenstatt, seu fundador Padre Kentenich atribui a esta palavra uma capacidade da pessoa em crescer interiormente formando valores inerentes à alma da mesma, através do desenvolvimento de um profundo amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Ele fala que para crescermos vitalmente na santidade devemos crescer no: vínculo a Deus, vínculo ao trabalho, vínculo às coisas, vínculo às pessoas e no vínculo aos lugares. Em todos esses vínculos deve estar profundamente enraizado o amor. Se não amamos, os desumanizamos e nos desdivinizamos; perdendo aquilo que nos faz humanos e mais nos assemelha a Deus. (MEISTER, 2019, p.22).

Em relação à contribuição da piedade marial para a transformação social, Boff (2006) destaca em sua obra a capacidade incomparável de Maria em reunir o povo na pastoral de multidões, como podemos ver abaixo:

Note-se que a invocação da Virgem envolve todo o povo de Deus, especialmente os “afastados”, sem, por outro lado, excluir os não cristãos. Ela tem a virtude de “massificar”, em sentido positivo, a mensagem cristã da justiça e difundir, assim, o fermento libertador do Evangelho. É também porque a figura de Maria mexe com forças obscuras e poderosas do inconsciente humano, aquelas ligadas às imagens arquetípicas da grande Mãe, da Rainha do céu, da Mulher que vence o Dragão, da Esposa divina, da Virgem imaculada (BOFF, 2006, p. 579).

Frente ao individualismo, são necessárias medidas pastorais para redescoberta do encontro e da comunhão, bem como a retomada salutar dos vínculos interpessoais, visto que temos cada vez mais uma sociedade onde impera a crise de vinculações. Brighenti (2006, p. 161) entende que comunidade e a relação interpessoal é essencial para o desenvolvimento do indivíduo e conseqüentemente da constituição do ser eclesial. O Papa Francisco (2013), no *Evangelii Gaudium* corrobora tal afirmação:

O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais. Enquanto no mundo, especialmente nalguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos «a carregar as cargas uns dos outros» (Gal 6, 2). Além disso, vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de nobres objetivos. Deste modo se manifesta uma sede de participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural. (EG, 2013, p. 67).

O fator cultural é um elemento que não se deve ignorar ao se analisar qualquer processo que inclua indivíduos, tendo em vista que, segundo Carias (2018, p. 315)

desde as décadas de 1950 até os dias atuais temos atravessado uma crise dos processos culturais conhecido como modernidade.

Em relação ao pensamento do Pe. José Kentenich, Andraca (1998, p. 79) relata que previamente o mesmo diagnosticou uma crise relacional que resulta nas desvinculações no modo de viver frente à contemporaneidade, que ainda desconhece a solidariedade e a fraternidade levando ao individualismo e ao impessoalismo. E mediante esse pensamento buscou desenvolver um sistema ascético-pedagógico, focando particularmente em uma práxis, em uma espiritualidade e pedagogia das vinculações, considerando Maria como caminho para resgatar o humano reconduzido ao amor a Cristo.

O Pe. Kentenich enfatiza a práxis pedagógica. Ele se empenhou pela aplicação de uma conseqüente pedagogia mariana. Provou que a vinculação a Maria (exemplo notável de causa segunda) é o caminho mais rápido, mais seguro e mais fecundo para alcançar o amor a Cristo. Ao mesmo tempo, sua pedagogia mariana compreende uma pedagogia na qual a vinculação à pessoa do educador constitui um fator determinante de sua fecundidade. (ANDRACA, 1998, p. 79).

Murad recomenda que frente à sociedade atual, marcada pelo egoísmo, é por demais urgente e necessária adoção de atitudes maternas para resgate da ternura humana, bem como da solidariedade universal com a criação. Valendo-se de Santo Ambrósio afirma que cada cristão é mãe como Maria.

Santo Ambrósio, no século IV, dizia que cada cristão é mãe como Maria, pois gera Cristo na sua alma, no seu coração. A sociedade atual está marcada pela violência, pelo egoísmo, pela desagregação do meio ambiente. Mas também há sinais esperançosos de práticas solidárias, relações humanas que acolhem e integram as diferenças, crescente consciência ecológica e empenho pela cultura da paz. Neste momento, precisamos desenvolver atitudes maternas, uns para com os outros, e para todos os seres. Quanto mais cultivarmos a ternura, a intuição, o cuidado, a acolhida, o zelo a vida ameaçada, mais estaremos realizando a dimensão materna do ser humano. Isso vale para homens e mulheres. E Maria, nossa mãe na fé, ajudará nessa tarefa. (MURAD, 2012, p.141).

Importa ainda, segundo Boff (2006, p.568), que a visão central antropológica das culturas ameríndias seja a Mãe, atribuindo ao pai uma atitude de ausente ou até mesmo distante. Depreende que as religiões pré-colombianas põem a figura da Grande Mãe Divina em destaque, compreende-se neste contexto que seja esse o grande pano de fundo cultural da Mãe de Deus, promovendo a identificação com a mãe do Messias.

Nessa dimensão, Maria encarna a grande Mãe protetora de um povo especialmente abandonado à própria sorte, envolto em desamparo, fomentando com

isso o arquétipo da grande Mãe Protetora. Levando especialmente o pobre a tê-la como aquela que acolhe os seus filhos nas desventuras da vida.

O Papa Francisco em sua terceira carta encíclica – *Fratelli Tutti* (2020) - sobre a fraternidade e a amizade – evoca uma atitude pastoral da escuta atenta e acolhedora dos irmãos, principalmente na disseminação de uma informação truncada, desprovida dos saberes.

A capacidade de sentar-se para escutar o outro, característica de um encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo. Mas “o mundo de hoje, na sua maioria, é um mundo surdo (...). Às vezes a velocidade do mundo moderno, o frenesi, nos impede de escutar bem o que o outro diz. Quando está no meio do seu diálogo, já o interrompemos e queremos replicar quando ele ainda não acabou de falar. Não devemos perder a capacidade de escuta”. São Francisco de Assis “escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso em um estilo de vida. Desejo que a semente de Francisco cresça em muitos corações” (FT 48).

Frente ao desafio da cultura urbana, com seu estilo de vida e mentalidade, a influência das instituições e a tradição sobre os indivíduos diminuem sempre mais. As pessoas são continuamente chamadas a fazer novas escolhas.

Nesta conjuntura, marcada por um forte pluralismo, torna-se necessário encontrar critérios para a interpretação e interação com a realidade presente. Um dos desafios mais relevantes é, sem dúvida, a cultura urbana, pois nosso mundo vai se tornando cada vez mais urbano. Isso acontece não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas também porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando os rincões mais distantes, com todas as consequências humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras. É por isso que pensar a relação entre evangelização e cultura urbana torna-se um imperativo à ação evangelizadora em nossos dias. Ao se falar de cultura urbana, não se pode deixar de considerar as cidades, especialmente as grandes metrópoles, nas quais essa cultura se manifesta de modo mais intenso.

As cidades existem há muito tempo. São construídas a partir do encontro de estruturas físicas com relações humanas e sociais. Não se pode, porém, cair na generalização de achar que todas as cidades sejam iguais, independentemente de sua história e sua localização. Em nossos dias, quanto maiores são elas, menor é a influência das instituições e da tradição sobre os indivíduos. As cidades atuais são ambientes nos quais as pessoas são continuamente chamadas a escolher, desde aspectos mais imediatos até questões mais profundas, diretamente ligadas ao sentido da vida. São locais onde se manifesta, ainda que em formas e graus diferentes, a tendência ao imediatismo, à diversidade e à fragmentação. São cidades diferentes das de outras épocas, exigindo, portanto, que a ação evangelizadora leve em conta sua complexidade. (DGAE 28-29).

O THMR, conforme suas orientações gerais e pastorais, como já vimos, é vinculado ao movimento apostólico de Schoenstatt, sendo reconhecido e assumido na 48ª Assembleia Nacional dos Bispos do Brasil, no ano de 2011, onde se propõem

como um novo alvorecer mariano, sendo inclusive em um Simpósio Mariano que precedeu a Vª Conferência do CELAM considerado como uma nova estratégia pastoral no atendimento às demandas e desafios da contemporaneidade, pondo-se ainda ao atendimento da proposta do Documento de Aparecida (Dap 551) em uma missão continental.

Sendo oportuno lembrar, conforme Alessandri (2005, p.125), que essa missão já prefigurava como proposta do fundador de Schoenstatt, naquilo que acolherá de São Vicente Pallotti, criador da congregação dos padres palotinos, quanto à organização apostólica mundial. De uma expansão com empreitada missionária universal da evangelização, elegendo ainda uma nova estrutura apostólica para a Igreja, que atendesse às demandas dos novos tempos.

Brighenti (2008, p.33), recorda a desafiante proposta de Aparecida de superação do antigo modelo (Dap100b) a uma renovada e vigorosa Pastoral Urbana, adequada à realidade da urbe, no qual se apresenta como um verdadeiro laboratório da contemporaneidade complexa e plural (Dap 509).

O referido autor, ainda em relação à proposta do Documento de Aparecida, ressalta a urgente passagem de uma pastoral tradicional de conservação para uma pastoral orgânica, em atendimento às demandas sociais dos tempos presentes. Enfatiza também, à luz deste mesmo documento, o protagonismo leigo e a assistência ao Povo de Deus nos diversos rincões desprovidos da Eucaristia. Brighenti (2008) também faz menção ao movimento pôr a Igreja realmente em movimento se integrando a uma pastoral vigorosa, não se tornando um gueto alheio às necessidades da Igreja que sofre como refere abaixo:

Uma Igreja em estado permanente de missão exige a conversão pastoral de nossas comunidades, que vá além de uma pastoral de mera conservação, para uma pastoral decididamente missionária (370). O plano pastoral diocesano, caminho de pastoral orgânica, deve ser uma resposta consciente e eficaz, para atender às exigências do mundo de hoje, com indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho. Os leigos precisam participar do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução (371).

Em nossa tradicional pastoral de conservação, há um escasso acompanhamento aos leigos em suas tarefas de serviço à sociedade, bem como uma evangelização com pouco ardor e sem novos métodos e expressões, com ênfase no ritualismo, sem itinerário formativo. Há uma espiritualidade individualista, uma mentalidade relativista no ético e no religioso, a falta de aplicação da Doutrina Social da Igreja. Também se enfrentam dificuldades na sustentação econômica das estruturas pastorais, agravada pela falta de comunhão de bens nas Igrejas locais e entre elas. Não se assume suficientemente a pastoral carcerária, do menor e a pastoral dos migrantes. Falta uma sólida estrutura de formação dos agentes de pastoral.

Há movimentos eclesiais que nem sempre se integram na pastoral paroquial e diocesana. (100e). (BRIGHENTI, 2008, p. 26-27).

A partir das colocações de Brighenti, observamos que o THMR, na qualidade de representação do movimento popular de Schoenstatt, se confronta com essa realidade como limitação e fragilidade tanto pastoral como teológico na articulação e integração com a pastoral paroquial e diocesana.

É urgente uma revitalização da comunidade paroquial para que nela resplandeça cada vez mais a comunidade acolhedora, samaritana, orante e eucarística. A participação na Eucaristia não se reduz ao fato de todos cantarem e rezarem juntos. É preciso formar o Corpo Místico de Cristo, onde todos se integram como membros que vivem na unidade. Muitas comunidades podem se auto compreender apenas como a junção de muitos interesses individuais que se reúnem para atender às demandas pessoais de religiosidade. Esse não é o conceito cristão de comunidade. (Doc 100, CNBB, nº 56).

Souza (2019, p. 51-52), contextualizando a teologia do Papa Francisco à luz da mística popular, relata que a sua teologia-pastoral se fundamenta na sua vivência social, eclesial e teológica latino-americana, do qual introduz no magistério universal. Dessa teologia do povo, expressa na *Evangelii Gaudium*, põe a piedade popular como carro chefe na inculturação do Evangelho (EG 69). Demonstra ainda que seja da experiência dos pobres que provém à frutuosa ação evangelizadora.

Na piedade popular, por ser fruto do Evangelho inculturado, subjaz uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo. Ao contrário, somos chamados a encorajá-la e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada. As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização. (EG 126).

Ainda remete que o Papa Francisco sinaliza, através do Documento de Aparecida, a ação concreta da piedade popular e ao mesmo tempo adverte, fazendo uso da *Evangelii Gaudium*, a não a subjugar.

O papa continua e cita textualmente o Documento de Aparecida, ao dizer que “o caminhar juntos para os santuários e o participar em outras manifestações da piedade popular, levando também os filhos ou convidando a outras pessoas, é em si mesmo um gesto evangelizador” (Dap 264; EG 124). E adverte: “não limitemos nem pretendamos controlar esta força missionária” (EG 124), pois é “manifestação de uma vida teologal animada pela ação do Espírito Santo (EG 125). Assim, os empobrecidos são sujeitos e protagonistas da sinodalidade da Igreja. (SOUZA, 2019, p. 52).

Deste modo, à luz da Vª Conferência (2007), valoriza a piedade popular oficialmente, aponta como uma maneira legítima de viver a fé frente às atuais

demandas da Igreja, especialmente no combate à violência institucionalizada e às inúmeras dificuldades sociais que o povo se depara no dia a dia; numa vivência mais imersa no cotidiano do povo que sente a necessidade de expressar sua fé no calor da comunidade com uma escuta aos seus clamores e suas queixas diárias. Atendendo ainda sua vital necessidade de conviver, de compartilhar e se solidarizar.

A piedade popular é “imprescindível ponto de partida para conseguir que a fé do povo amadureça e se faça mais fecunda”. (Dap 262; Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Diretório sobre a piedade popular e a liturgia, n.64). Não podemos desvalorizar a espiritualidade popular ou considerá-la como modo secundário da vida cristã... A piedade popular contém e expressa um intenso sentido de transcendência... (Dap 263). A piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé (Dap 264). No Documento de Aparecida, descrevem-se as riquezas que o Espírito Santo explicita na piedade popular por sua iniciativa gratuita (EG 124). (DE SOUZA, 2019, p. 66).

Entre outras expressões, o Documento de Aparecida destaca o Rosário como autêntico representante desta piedade popular, que subjazem suas raízes ancestrais oracionais a uma forma tão antiga de expressão pôr ainda convidativa e mantenedora da religiosidade, frente à escassez do clérigo e no atendimento ao povo de Deus sedento por encontro e comunhão e pela presença confortante no seu cotidiano e nas desventuras expressa nos anseios pelo bem comum e pela justiça.

259. Entre as expressões desta espiritualidade contam-se: as festas patronais, as novenas, os rosários e via crucis, as procissões, as danças e os cânticos do folclore religioso, o carinho aos santos e aos anjos, as promessas, as orações em família. Destacamos as peregrinações onde é possível reconhecer o Povo de Deus no caminho. Ali o cristão celebra a alegria de se sentir imerso em meio a tantos irmãos, caminhando juntos para Deus que os espera. O próprio Cristo se faz peregrino e caminha ressuscitado entre os pobres. A decisão de caminhar em direção ao santuário já é uma confissão de fé, o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor. O olhar do peregrino se deposita sobre uma imagem que simboliza a ternura e a proximidade de Deus. O amor se detém, contempla o silêncio, desfruta dele em silêncio. Também se comove, derramando todo o peso de sua dor e de seus sonhos. A súplica sincera, que flui confiadamente, é a melhor expressão de um coração que renunciou à auto-suficiência, reconhecendo que sozinho, nada é possível. Um breve instante sintetiza uma viva experiência espiritual.

261. A piedade popular penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel e ainda que se viva em uma multidão, não é uma “espiritualidade de massas”. Nos diferentes momentos da luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus: um crucifixo, um rosário, uma vela que se acende para acompanhar um filho em sua enfermidade, um Pai Nosso recitado entre lágrimas, um olhar entranhável a uma imagem querida de Maria, um sorriso dirigido ao Céu em meio a uma simples alegria. (Dap 259-261).

Vemos ainda a piedade popular, aqui representada pelo terço, como um autêntico instrumento de resistência, frente a uma sociedade fragmentada e cada vez

mais individualista, esboçando um autêntico clamor por um resgate das relações solidárias e fraternas, sendo ainda um promotor da cultura do encontro e do diálogo.

Isso requer do THMR uma integração à pastoral de conjunto em vista de um efetivo diálogo com a comunidade de base, traçando estratégias em busca de uma melhor integração com a pastoral missionária paroquial e diocesana, levando em conta suas limitações quanto sua expressão, buscando enfatizar sempre ações articuladas para evitar o isolamento, conscientizando do seu compromisso batismal no testemunho na promoção evangelho bem como da importância do testemunho e da comunhão com a Igreja, favorecer espaços de participação da figura feminina, a fim de um perfeito enriquecimento em relação ao sentimento de comunidade eclesial fomentando uma autêntica caminhada sinodal, para que seja viva e eficaz a experiência de fé, conforme a proposta inspiradora do Documento de Aparecida, pela força do amor (Dap 159).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da renovação pastoral impulsionada pelo período pós-conciliar, a partir da construção de uma pastoral mais próxima às práticas e às demandas das pessoas, o THMR, uma manifestação da piedade popular, vem contribuir neste atendimento desafiador da contemporaneidade.

A presença de maneira especial marcante dos elementos culturais que permeiam a subjetividade do povo, como no caso do arquétipo oriundo da cultura ameríndia da grande Mãe protetora, e a figura simbólica da mãe que é solícita às causas sociais dos seus filhos. Portadora da figura inata em nós da *mater natura* e da *mater spiritualis*, da amplidão total da vida à qual somos confiados e abandonados desde criança, diferentemente da figura do pai ausente e distante, potencializa a identificação desta iniciativa pastoral.

Além disso, reinvoca a função materno-espiritual de Maria reafirmada no Concílio Vaticano II. Nessa expressividade da piedade popular, os participantes demonstram seus sentimentos através de gestos e sinais de forma bem concreta, onde se faz necessário que ocorra uma intervenção pastoral para educar e preservar o caráter mediacional e acolhedor.

Frente a uma multidão de ameaças e desafios, a piedade popular traz em si um elemento vital e de suma importância ao resgate da pastoral paroquial, sendo uma resposta às necessidades do povo sofrido e oprimido, como autêntica expressão da “sede de Deus” que os pobres trazem nos corações (EM 48).

Diante das inseguranças de um mundo pós-moderno, marcado pelo indiferentismo, o individualismo e o descarte, o THMR surge no seio da Igreja como um autêntico refúgio consolador, provendo a cultura do encontro, bem como fortalecendo os vínculos interpessoais e construindo laços.

O Terço dos Homens surge ainda como uma estratégia pastoral de aproximação, para uma melhor integração do masculino na base da Igreja, que é cada vez mais escassa devido ao sistema neoliberal que vende a imagem utilitarista do papel masculino, como visto no DAp, em atendimento exclusivo às demandas do materialismo.

Vemos o THMR crescendo nas paróquias em perspectiva da nova evangelização, respondendo às colocações do Papa Francisco na ocasião da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: incendiando os corações dos fiéis, restituindo-lhes a alegria da fé, acolhendo-os por atração e não por proselitismo; onde



confluem multidões numerosas de homens, idosos, jovens e até crianças chegando a ocupar as amplas naves da Igreja, sentimento compartilhado com o fundador do movimento de Schoenstatt, berço do THMR.

Porém é importante considerar a visão compartilhada por Boff, no sentido de que se tenha um resgate do papel de Maria frente à sociedade, como antes Maria marcadamente permeou a vida pública da cristandade. Hoje na pós-modernidade vemos um verdadeiro divórcio entre a piedade marial e o compromisso social, reduzindo o marial à dimensão cúltica eclesial ou privada, tendo a necessidade de rearticular Maria e a sociedade para o desenvolvimento do seu potencial social libertador.

Importa ainda também que tenhamos um olhar frente aos desafios da pastoral urbana, compreendendo o THMR como representante da piedade popular, e um autêntico instrumento de resistência ao indiferentismo crescente de uma sociedade cada vez mais cética. Assim, temos a necessidade de repropor à fé de uma maneira inculturada e ao mesmo tempo pé no chão, isto é, desprovida dos exageros ufanistas e ascéticos em uma fática expressão de religiosidade desvinculada do social, pelo qual figura apenas o contemplativo e o aperfeiçoamento humano.

Frente aos desafios da pastoral urbana, compreende-se que o THMR traz uma compreensão marial notadamente focada no aperfeiçoamento humano, deixando por vezes a desejar no tocante a atuação no social, conforme a obra schoenstateana *Maria Mãe e educadora – Uma mariologia aplicada*, onde notadamente vemos exposta nessa obra a atribuição de Maria, a tríplice tarefa de gerar, alimentar e educar.

Vemos que se faz oportuno o acolhimento das proposições do Concílio Vaticano II para uma mariologia que atente para o diálogo com a contemporaneidade, para a atenção aos riscos de devoções focadas no aperfeiçoamento humano que obscurecem a face humana de Maria, essa que se dispõem como ‘serva do Senhor’. A ênfase dada ao título como Rainha, que apresenta inúmeros privilégios inatingíveis à condição humana que desenrola em uma ética de difícil acesso à realidade vivencial dos homens e mulheres do nosso tempo, visto que Maria desloca-se do âmbito do humano, apresentado nos evangelhos de Lucas e João, para o divino, desconsiderando sua peregrinação neste mundo.

Ressaltar também que a partir de uma perspectiva propositiva, a importância de conduzir essa expressão à luz dos critérios mariológicos exigidos na atualidade, buscar-se-á evitar os equívocos dos extremos minimalistas, que retira Maria do meio

povo e maximalista, que distancia a centralidade de Jesus, conforme pode-se constatar ao longo das discussões apresentadas nesse trabalho.

## REFERÊNCIAS

ANDRACA, Rafael Fernandez de. O 31 de maio – uma missão para os nossos tempos. Santa Maria: Secretaria da Central Nacional do Movimento Apostólico de Schoenstatt, 1998.

BARBOSA, M.A. Padre José Kentenich: pai e educador carismático. Atibaia: Secretariado José Kentenich, 1982.

BECKHÄUSER, Alberto. Religiosidade e piedade popular, santuários e romarias: desafios litúrgicos e pastorais. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOFF, Clodovis M. Mariologia social: o significado da virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Lina. Mariologia: interpelações para a vida e para a fé. Petrópolis: Vozes, 2019a.

BRIGHENTI, Agenor. Aparecida em resumo: o documento oficial com referência às mudanças efetuadas no documento original. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_, Agenor. A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé: manual básico de teologia pastoral. 2ª ed. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2011.

\_\_\_\_\_, Agenor. AQUINO JÚNIOR, Francisco de (org.). Pastoral Urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade. Petrópolis: Vozes, 2021.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Eis a tua mãe: síntese de mariologia. São Paulo: Paulinas, 2017.

CANTALAMESSA, Raniero. Maria, um espelho para a igreja. Aparecida: Editora Santuário, 1992.

CARIAS, Celso Pinto. Igreja povo de Deus, comunidade e Comunidades Eclesiais de Base. In: BRIGHENTI, Agenor.; PASSOS, João Décio (org.) Compêndio das conferências dos bispos da América Latina e Caribe. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2018.

CARTA APOSTÓLICA ROSARIUM VIRGINIS MARIAE. Disponível em <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20021016\\_rosarium-virginis-mariae.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html)>. Data de Acesso: 03 de maio de 2020.

*CHRISTIFIDELES LAICI: EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html)> Data de acesso: 01 de dezembro de 2020.*

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Edições Loyola Jesuítas – São Paulo, 1983.

CNBB. Doc. 100. Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia. A conversão pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_)

doc\_19780225\_norme-apparizioni\_po.html> Data de acesso: 30 de setembro de 2022.

DOCUMENTO DE APARECIDA: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

*EVANGELII GAUDIUM: EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)> Data de acesso: 01 de dezembro de 2021.*

*EVANGELII NUNTIANDI: EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)>Data de acesso: 01 de dezembro de 2020.*

FERRARO, Benedito. In: BRIGHENTI, Agenor. AQUINO JÚNIOR, Francisco de (org.). Pastoral Urbana: novos caminhos para a Igreja na cidade. Petrópolis: Vozes, 2021.

FRANCISCO, Papa. Carta encíclica Fratelli Tutti. São Paulo: Paulinas, 2020.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald. A mãe do salvador e nossa vida interior. Capinas: CEDET, 2017.

GAUDIO, Daniela Del. Maria de Nazaré – breve tratado de Mariologia. São Paulo: Paulus, 2016.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. Maria nas conferências episcopais da América Latina. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 21, n. 57, p. 437-457, set./dez.2017. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31818/31818.PDFXXvmi=>

IGREJA CATÓLICA CONSUEVERUNT. Disponível em: <<http://ars-the.blogspot.com/2013/10/a-bula-consueverunt-romani-pontifices.html>>. Data de acesso: 27 de abril de 2020.

IWASHITA, Pedro. Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_, Pedro. Maria no Vaticano II: renovação na Mariologia. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v.48, p. 554-571, set./dez.2014. Disponível em: <

JOÃO XXIII, Papa. Diário da Alma: caminho de santidade. São Paulo: Paulus, 2015.

KENTENICH, José. A imagem cristã do homem: uma resposta ao homem massificado. Tradução: Pe. Irineu Trevisan. Vallendar: Patris Verlag, [s.d.].

\_\_\_\_\_, José. Maria, mãe e educadora: uma mariologia aplicada. Tradução: Pe. Irineu Trevisan. Movimento Apostólico de Schoenstatt. Santa Maria,1990.

\_\_\_\_\_, José. Documentos de Schoenstatt. Santa Maria: Editora Palotti,1995.

\_\_\_\_\_, José. Que se faça o novo homem. Centro Mariano: Santa Maria, 1999.

\_\_\_\_\_, José. O rosário. Instituto das Famílias de Schoenstatt para o Brasil: Londrina, 2003.

\_\_\_\_\_, José (Atribuído a) Rumo ao céu. Tradução: Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt. Atibaia: O Instituto, 2006.

*MARIALIS CULTUS: EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. Disponível em* [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19740202\\_marialis-cultus.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html) >Data de acesso: 27 de abril de 2020.

MEISTER, Vandemir Jozeé. Orientações gerais e pastorais para o terço dos homens – 60 perguntas. Olinda: Patris, 2019.

MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT. Terço dos homens mãe rainha: Manual Rosário. 6. ed. Olinda: Patris, 2013.

MURAD, Afonso. Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

\_\_\_\_\_, Afonso. A devoção marial no Brasil contemporâneo: olhar panorâmico. Revista Vida Pastoral. Ano 56, número 304, julho-agosto de 2015 p. 3-17. Disponível em [https://www.vidapastoral.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Internet\\_\\_VIDA.PASTORAL\\_304.pdf](https://www.vidapastoral.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Internet__VIDA.PASTORAL_304.pdf). Data de acesso: 27 de abril de 2020.

\_\_\_\_\_, Afonso. Perfil de Maria numa sociedade plural. In: UNIÃO MARISTA DO BRASIL (UMBRASIL). Maria no coração da Igreja: Múltiplos olhares sobre a Mariologia. São Paulo: Paulinas; Brasília: UMBRASIL, 2011, p. 15-38.

PARREIRAS, Aloísio. São Domingos e o Rosário. Arquidiocese de Brasília. Disponível em: < <https://arqbrasilia.com.br/sao-domingos-e-o-rosario/>>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

PIZZANI, Luciana. Silva, Rosemary Cristina da. BELLO, Suzelei Faria. HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. Ver. Dig. Bíbl. Ci. Inf., Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-66, jul./dez. 2012.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Diretório para a catequese. São Paulo: Paulus, 2020.

SCHILICKMANN, Dorothea M. Padre José Kentenich: uma vida à beira do vulcão. Santa Maria: Sociedade Mãe Rainha, 2020.

SOUZA, Alzirinha, Evangelização mariana e devoção popular na América Latina: a exigência do cuidado com o culto a Maria na atualidade. In: Revista Ciberteologia. Edição 56, Ano XIII – Set/Dez 2017. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/post/artigo/evangelizacao-mariana-e-devocao-popular-na-america-latina-a-exigencia-do-cuidado-com-o-culto-a-maria-na-atualidade.> > Acesso em: 27 de abril de 2020.

SOUZA, Ney de. Piedade popular. (Coleção teologia do Papa Francisco). São Paulo: Editora Paulinas, 2019.

STOID, E.D. Verbete: Rosário. In: DE FIORES, S.; MEO S. (Org.). Dicionário de Mariologia. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1137-1143.

*VERBUM DOMINI: EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. Disponível em*  
*[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20100930\\_verbum-domini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html)*>Data de acesso: 01 de dezembro de 2021.